

## 2.

## Elementos conceituais da teologia mística na experiência cristã

### Considerações iniciais

A proposta deste primeiro capítulo é trabalhar a questão da mística em sua perspectiva conceitual, teológica, histórica porque parece certo que só é possível entender a força dos enunciados de Francisco dentro de um amplo diálogo místico, num arco que inclua antigas e modernas formulações.

Analisaremos os elementos constitutivos próprios da mística<sup>26</sup> como experiência<sup>27</sup> ou fenômeno de consciência, a mística como o encontro interior unitivo do ser humano com a infinitude divina, que fundamenta tanto o ser humano quanto todos os seres. A nós interessa a definição aplicável a toda mística, quer seja natural, ou especificamente cristã. Em função do nosso objetivo assinalaremos os elementos comuns à experiência mística, seu conceito, seu método e sua aplicação na experiência mística cristã<sup>28</sup>.

O método utilizado neste estudo é o método sistemático; não tem sentido tentar acompanhar a gênese histórica da mística e da doutrina de

<sup>26</sup> A riqueza e complexidade do termo ‘mística’ é avaliada e verificada na pluralidade do tratamento da temática nas seguintes obras e verbetes: VELASCO, J.M., *El fenómeno místico*. Estudio comparado. Madri: ET, 1999, p. 17-82; BOUYER, L., *Mysterion. Dal mistero alla mística*. Città del Vaticano: LEV, 1986, p. 5-14; Id., *Introducción a la vida espiritual*. Manual de teología ascética y mística. Barcelona: Herder, 1964, 331-353; BERNARD, C.A., *Introdução à teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1999, p.133-139; Id., *Teología Mística*. Burgos: EMC, 2006, 62-66; ANCILLI, E. *La mística: alla ricerca di una definizione*. In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M., *La mística*. Fenomenologia e riflessione teologica. Roma: Città Nuova Editrice, 1982, p. 19-39; SUTTER, A., Mística. In: *DdE*, p. 619-624; FISCHER, H., Mística. In. *SM*, p. 723-734; SUDBRACK, J., *Mística*, a busca do sentido e a experiência do absoluto. São Paulo: Loyola, 2007, p. 19-22; RODRÍGUEZ, J.S.,(Org) *Mística y sociedad en diálogo*. Madri: ET, 2006, p.10-40; DEL GENIO, M.R., Mística. In: *DM*, p.706-712; GUERRA, S. Mística. In: DTDC, p. 574-586; MOIOLI, G., Mística cristã. In: *DE*, p. 769-779; HUOT DE LONGCHAMP, M., Mística. In: *DCT*, p.1161-1169; KAUFMANN, C., Mística. In: DCFC, p. 489-494; MIETH, D. Mística. In: *DCFT*, p. 564-569; DUQUE, B.J., Teologia de la mística. Madri: BAC, 1983, p. 463-481; VAZ, H. L. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 7-2; VAZ, H.C.L., *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>27</sup> Para aprofundar o tema da experiência: VELASCO, J.M., Experiência religiosa. In: *DCFC*, p. 278-290; BORRIELLO, L., Experiência mística. In: *DC*, p. 399-410; GERRA, A., Experiência cristã. In: *DE*, p. 388-293; BOFF, L., *Experimentar a Deus hoje*. In: VV.AA. *Experimentar Deus hoje*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 134-137.

<sup>28</sup> Falar de mística cristã é condição da vivência da fé, pois a partir do momento em que qualificamos de cristã a nossa vida nós a qualificamos também de espiritual, dado que o seguimento de Jesus é a vida no Espírito, a autêntica espiritualidade. Cf. CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.31.

Francisco (apontada em síntese aqui), já que em linhas fundamentais são bastante claras em suas linhas fundamentais desde os seus primeiros Escritos místicos.

O místico indica a teologia como um discurso predominantemente calcado na experiência de fé cristã, fundamentado nas consequências de uma teologia enraizada no Mistério Pascal, reflexão do processo de construção dos conceitos respeitando o caminho de fé que a tradição cristã fez e faz e que se comprometa com as consequências históricas de suas afirmações<sup>29</sup>.

A experiência de solidariedade universal, porque pontuada a partir de Assis, as características da mística de Francisco, suas experiências místicas nasceram de um processo que exige a conversão, ponto de partida do seguimento de Jesus. A situação da sua época, análoga à situação da América Latina, é marcada por um profundo sofrimento, do qual surge uma vivência nova e pascal da alegria resultante do dom da vida. A alegria pascal do dom gratuito do amor de Deus impele Francisco e nos impele a rompermos com o pecado, a injustiça e a morte, no cotidiano das nossas vidas, para o coração da solidariedade com todas as criaturas marcadas pelos signos de morte prematura e injusta.

Na tradição religiosa, bem provavelmente, não se tenha abusado tanto de uma palavra como do vocábulo ‘mística’ que assume significados diversos conforme as diferentes circunstâncias. Roberto Zavalloni entende a palavra mística como expressão da religiosidade. A palavra mística tem sentido bem preciso: corresponde a uma determinada postura do espírito diante de certas reações, tendências a um elã de toda a alma<sup>30</sup>.

É evidente que a mística, no sentido do termo que pretendemos apresentar aqui, para aplicar à mística de Francisco e em especial à mística do seu Cântico, da mística bíblica, evangélica à evolução do conceito, sua evolução semântica na Igreja, será sobre o acento da experiência da comunicação de Deus mesmo na epifania da Encarnação que se une à experiência da união com Deus na fé. Esta experiência é entendida sob a

---

<sup>29</sup> Uma teologia mística enraizada no Mistério Pascal se entenderá como da libertação, porque a missão de Jesus Cristo foi libertadora. Mas, a libertação de Jesus leva em consideração a situação do ser humano acima como ele se encontra, a situação de opressão e miséria, em seu caráter estrutural. Cf. MACCISE, C., *Espiritualidade da Libertação*. In.: *DE*, p. 677-678.

<sup>30</sup> Cf. ZAVALLONI, R., *A personalidade de Francisco de Assis*. Estudo psicológico. Petrópolis: Cefepal, 1993, p. 146.

comunicação de Deus em aceitação agradecida e humilde, nada permanece excluído desta oferta divina (cf. Mt 11,28)<sup>31</sup>.

Ao lado da teologia, que trata de penetrar o conteúdo da fé por meio do método discursivo e da reflexão sobre a história ansiosa por encontrar um sentido para as vicissitudes do presente, e uma resposta para o futuro, se desenvolve no Ocidente a mística, entendida como uma ciência de união com Deus. Certamente o monacato havia realizado um grande caminho até este tipo de preocupação, porém antes do ano 1100 raramente havia passado o nível da ascese, ou seja, a busca da purificação previa à contemplação. No século XII, porém, aparece uma verdadeira mística especulativa que, sem negar as experiências espirituais anteriores, não têm dúvidas em afirmar a possibilidade para a alma humana de chegar à iluminação e à união com a divindade.

Precisando a natureza da experiência mística, referimo-nos mais que às concepções teóricas, sim a fatos vividos, experimentados, sentidos no mais profundo da consciência.

## 2.1.

### Elementos teológicos da mística na experiência cristã

É necessário afirmar que o adjetivo místico e o substantivo mística<sup>32</sup> não se encontram no Novo Testamento nem nos Padres Apostólicos<sup>33</sup>. Com certa frequência, os livros gregos do Antigo Testamento e o Novo Testamento usam palavras como *mystêrion* ou, na *Vulgata*, *sacramentum*, que entra imediatamente na linguagem do cristianismo primitivo<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Cf. FISCHER, H., *Mística*. In: *SM*, p. 730; BOUYER, L. *Op. cit.*, p. 323.

<sup>32</sup> Introduzido no vocabulário cristão pelos Padres do Oriente cristão, no século III, como adjetivo. Cf. PÁDUA, L.P., *Mística, Mística Cristã e Experiência de Deus*. In: *AT*, VII (2003), p. 347. Para uma elucidativa compreensão do termo na Patrística, os três sentidos do adjetivo místico, com vasta obra consultada, *Ibid.* p. 347-349.

<sup>33</sup> “Na Sagrada Escritura não achamos o adjetivo ‘mystikós’ nem, por exemplo, o substantivo mística. Ao invés, achamos sim, já no AT, a palavra *mysterion* (da mesma raiz que *mystikós*) que, se serve algumas vezes simplesmente para indicar um segredo humano que não pode ser descoberto, na literatura apocalíptica (pela primeira vez em Daniel) já terá sentido escatológico, isto é, servirá para referir-se a sucessos futuros dispostos por Deus, que permanecem ocultos e só podem ser revelados ou interpretados por ele e por aqueles a quem ele concede este dom”. GUERRA, S., *Mística*. In.: *DTDC*, p. 578.

<sup>34</sup> Cf. DEL GENIO, M. R., In.: *DM*, p. 706-707. Citamos Maria Rosaria, quando ela conclui: “O termo místico não aparece na Bíblia, mas todos os livros do AT manifestam com clareza o sentido da transcendência infinita de IAHWEH e de sua presença na história do povo, presença que não podia ser vista pelo homem (cf. Gn 3,8)... Mas Moisés, Elias e os grandes profetas gozaram de certa intimidade pessoal com IAHWEH; Abraão falou e esteve com ele (cf. Gn

Com o judaísmo temos a maturação lenta e a elaboração da transcendência de Deus e, por outro lado, da ‘criaturidade’ do ser humano e, a clara afirmação da existência entre Deus e o ser humano como relação de amor, portanto não a de estranheza nem de assimilação ou absorção. As experiências ‘místicas’ narradas no AT<sup>35</sup> mostram esta especificidade, que encontra a sua realização e a sua formulação definitiva com a encarnação do Filho de Deus, o Cristo. De fato a união em Jesus de Nazaré da natureza humana e daquela divina supera aquela estranheza que nas culturas pré-cristãs caracteriza a relação entre criatura e Criador<sup>36</sup>, não marginalizando a componente corpórea, e fixa como contexto irrenunciável de qualquer experiência mística cristã a fé em Jesus Salvador<sup>37</sup>.

Um horizonte completamente novo se abre, portanto, com a vinda de Cristo. Jesus contempla o Pai de uma maneira única, mantém diante dele uma atitude de intimidade contemplativa, não perturbada por sentimento algum de temor, de ignorância ou de mancha moral. Pode realizar o diálogo com ele na oração, em qualquer lugar ou momento, retirando-se em solidão ou subindo sobre o monte ou entrando no Templo<sup>38</sup>.

---

12,1-7; 13-14; 18,1). Moisés conversava “face a face” com IAHWEH (cf. Ex 33,11); Elias esteve na presença do Deus vivo e esperou sua passagem (cf. 1Rs 17,1; 19,9-14). Essas experiências indicam que entre Deus e o homem pode haver relações típicas de amor, as quais têm seu complemento na Encarnação do Filho de Deus, o Cristo” In: *DTDC*, p. 707.

<sup>35</sup> Cf. Is 6,3; Ez 1,4-8; Sl 42; 43; 63; 73; 139. “Na Bíblia, a experiência de religiosa não é só experiência do povo a respeito de Deus, mas também sobretudo de Deus. De fato, nos inícios, há uma experiência criadora de Deus, a qual precede toda procura e experiência dos homens. A auto-revelação de Deus: “Eu sou o Senhor, teu Deus” (cf. Ex 20,2) e a expressão de João: “Antes que Abraão existisse, Eu sou” (8,58) são a base da experiência religiosa bíblica. É Deus que, em sua misericórdia cuida dos homens. Antes de o homem o procurar, Deus já está à porta de seu coração para entrar (cf. Ap. 3,20)”. BORRIELLO, L. Experiência mística. In.: *DM*, 402; FISCHER, H., *Mística*. In: *SM*, p. 728.

<sup>36</sup> Resulta em consequência última, à qual tudo tende, da criação como da vida mesma do Criador: a nossa recapitulação universal no Filho, por meio do Espírito o qual proclama que todos nós somos chamados à filiação no Unigênito e consoma o abandono da nossa liberdade a este retorno do amor, no Filho, ao Pai do qual tudo procede, para fora de Deus como nele mesmo. Cf. BOUYER, L., *Op. Cit.*, p. 339.

<sup>37</sup> Compreendendo o conceito mística ela já nos introduz nas características do caminho de encontro com Deus. Na Bíblia do Antigo e do Novo Testamento a palavra mistério possui vários significados. Primeiramente significa o segredo humano que na o deve ser revelado: os desígnios secretos do rei (cf. Tb 12,7.11), os planos de guerra (cf. 2Mc 13,21). Pode significar também o desígnio último de Deus só conhecido pelas pessoas especialmente inspiradas por Deus (cf. Dn 2,28.29.47). Cf. BOFF, L., *Op. Cit.* p. 15.

<sup>38</sup> Os textos evangélicos são, a este propósito, numerosos e explícitos: “Depois de terem cantando os Salmos saíram para o monte das oliveiras... eles chegaram a uma propriedade cujo nome é Getsêmani, e ele diz a seus discípulos: “Ficai aqui, enquanto eu vou rezar” (Mc 11,26.32); “Ora, ao ser batizado todo o povo, Jesus batizado também ele, rezava” (Lc 3,21); “quanto a ti, quando quiseres orar, entra em teu quarto mais retirado, tranca a porta, e dirige a tua oração ao teu Pai que está ali, no segredo” (Mt 6,6). “Tiraram pois, a pedra. Então Jesus

Em sentido teológico, a experiência mística refere-se ao contato pessoal com o Deus que se autocomunicou (revelação), que constitui o fundamento da fé pessoal<sup>39</sup>. Na Sagrada Escritura, essa experiência é expressa pelos termos provar, saborear. Nesse sentido, a experiência cristã deve ser entendida, quanto à sua origem, como um vivo e saboroso contato por parte de algumas pessoas com a realidade singular de Jesus de Nazaré, que permite abrir-se para Deus e conhecê-lo, participando da salvação. Essa experiência é compreendida, aprofundada, testemunhada e transmitida com a vida e com a confissão de fé pela comunidade primitiva, tendo em vista uma perene presença libertadora de Cristo e da adesão a Ele e a seu Deus por parte de toda pessoa<sup>40</sup>.

A mística é um conceito fundamental do cristianismo como o é de toda religião que admite em seu âmbito o mistério e até de movimentos filosóficos que tendem a reconhecer a existência do mistério como componente da realidade absoluta<sup>41</sup>. A mística na perspectiva cristã admite o nível natural da realidade mística, compartilha com as outras religiões a atitude de reverente inclinação e entrega em face do mistério e o desejo de deixar-se informar e transformar por ele na vida concreta. A mística compartilha do olhar interior,

---

ergueu os olhos e disse: “Pai, eu te dou graças por me teres atendido” (Jo 11,41); passim. Em realidade a oração de Jesus ao Pai é contínua (“rezar constantemente” Lc 18,1) e a sua contemplação não sofre intervalos ou oscilações: visão beatífica permanente, segundo a unânime interpretação dos teólogos, conforme Santo Tomás de Aquino (cf: Summ. Theol. III, q. 9, a. 2), *Apud* ANCILLI, E. *La mística: Alla ricerca di una definizione*, p. 22.

<sup>39</sup> “Toda fé em uma transcendência e toda religião revelada reconhecem o mistério, trem suas manifestações místicas e oferecem caminhos para entrar em contato com ele” KAUFMANN, C., *Mística*. In: *DCFC*, p. 489.

<sup>40</sup> Cf. SALVATI, G. M., *Experiência*. In: *DTE*, p. 282; STANCATI, T. *Libertação*. In: *DTE*, p. 442-443; FISICHELLA, R., *Evangelização*. In: *DTE*, p. 273: “Depois da ressurreição, Jesus confia a toda a Igreja a tarefa de anunciar seu Evangelho e de batizar em nome da Trindade até sua volta. Essa missão constitui a Igreja e a fidelidade a ela assinala, simultaneamente, a fidelidade que deve a seu Senhor”.

<sup>41</sup> Na perspectiva do estudo de Juan Martín Velasco: *Mistério é palavra central na linguagem religiosa cristã*. K. Rahner chegou a dizer dela que é um dos termos-chaves do cristianismo e de sua teologia. Contém notável pluralidade de significados, que torna praticamente impossível apresentar uma definição unívoca de seu conteúdo. O sentido fundamental, enfatizado no uso ordinário do termo, refere-se ao caráter arcano, secreto, não acessível ao conhecimento humano ordinário da realidade a que se refere. Assumindo o risco de certa simplificação, podemos reduzir a quatro os contextos em que aparece a utilização religiosa e teológica do termo. O da fenomenologia da religião, o da história das religiões, o de uma teologia fundamental e sistemática que se preocupa principalmente com os aspectos epistemológicos do conhecimento de Deus e com a aceitação de sua revelação e com uma teologia mais próxima da Escritura e das tradições religiosas, que pretende estabelecer a compreensão do cristianismo com base em renovada interpretação do fato cristão centrado na descrição deste como atualização na vida da Igreja da revelação do mistério de Deus em Jesus Cristo. Cf. VELASCO, J. M., *Mistério*. In: *DCFC*, p. 484-485; NEUNHEUSER, B. *Mistério*. In: *DL*, p. 756-771.

contemplativo, sobre a realidade, para infundir em tudo o que o circunda transparência para o mistério. A mística é uma atitude cristã diante da realidade, diante da vida, que encerra a admiração, a pergunta, o desejo, o temor, a fascinação.

Nada disso fica alheio ao conceito de mística cristã. Não só, porém não o esgota, mas é como uma primeira e mais externa percepção do mistério, como a vibração nas margens de um lago sereno, causada pelo impacto de uma pedra em sua superfície. Este é o impacto que repercute na humanidade o fato da pessoa de Jesus, Deus e Homem<sup>42</sup>.

### 2.1.1.

#### **A mística de Jesus: a centralidade do Reino de Deus**

No Novo Testamento percebemos algo novíssimo, inusitado: a manifestação do Sagrado<sup>43</sup> e a relação com ele de maneira não domesticada, não calculada ou limitada a lugares ou formas previsíveis, pois esta se instaura e efetiva pela presença do Espírito: “mas tudo isso é o único e mesmo Espírito que o realiza, concedendo a cada um diversos dons pessoais, segundo a sua vontade” (1Cor 12,11; cf. Rm 12,3).

Pensando particularmente em seu ministério, a partir do batismo, Jesus recebe a unção do Espírito, bem como a aprovação do Pai indicando sua filiação divina, somos levados a crer que, intencionalmente, os evangelistas afirmam que sua messianidade entrelaça-se com sua consciência filial, fruto da revelação que tivera no batismo. Com isso quer afirmar que Jesus é o Messias, o ‘ungido do Senhor’, como Jesus fez a experiência do Espírito, sobretudo Ele é pleno do Espírito Santo. Doravante Jesus está inteiramente sob o impulso do *pneuma* divino, que o leva ao deserto e determina todo o agir de Jesus (cf. Mc 1,12; Mt 4,1; Lc 4,1). Se há um ‘tempo do espírito’, esse *kairós* que significa

<sup>42</sup> Cf. KAUFMANN, C. *Op. Cit.* p. 489.

<sup>43</sup> Para uma verificação precisa da estrutura do sagrado presente nas sociedades temos como referencial as teorias de Mircea Eliade (1907-1986), estudioso romeno, assim ele define o sagrado: “O sagrado é um elemento da estrutura da consciência e não uma fase da história dessa consciência” para Eliade, a religião é um dado intrínseco ao ser humano, e não uma parate menor ou maior de sua história ‘evolutiva’. Uma das grandes contribuições de Eliade para a compreensão da religião é a explicitação dos conceitos de sagrado e de profano. Cf. ELIADE, M. *História das crenças e das idéias religiosas*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13; Id. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001,25-61; Id., *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.7-38.

uma abertura para o relacionamento com Deus Pai, nunca antes acontecido, tem efetivamente seu início com a história mística de Jesus de Nazaré<sup>44</sup>.

A pessoa e a história de Jesus se dão em íntima e absoluta correlação, é o evento de cumprimento, no qual também o Espírito de Deus irrompe em plenitude no mundo<sup>45</sup>. O consenso dos evangelistas de que Deus irrompe na pessoa e na atividade de Jesus pode ser exemplificado pelo texto de Mc 1,22: “Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”<sup>46</sup>.

Lucas<sup>47</sup>, na síntese que faz do ministério de Jesus em At 10,38, descreve plasticamente a intimidade de Jesus com Deus pelo Espírito nas ações consoladoras, taumaturgas e libertadoras que fazia em favor do povo. Mas resguarda-se a liberdade da pessoa de Jesus no interior desse relacionamento, quer dizer, seu ‘estado espiritual’ não é produto de um constrangimento, perdendo sua identidade no processo imperativo. Jesus é um homem pleno do Espírito, trazendo para si todas as implicações de ser o Messias<sup>48</sup>.

A proximidade e a intimidade com o Pai e com os pobres asseguram a fonte da mística de Jesus, de acordo com o refrão da oração que Jesus nos ensinou: “*Pai nosso e pão nosso*” (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4)<sup>49</sup>. Podemos, geometricamente, usar a imagem do vertical e do horizontal. No ponto onde se juntam um e outro, encontra-se a pessoa, encontra-se Jesus e a práxis cristã. Estar sempre em comunhão com o Pai e em comunhão com o povo, lutando

<sup>44</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 63-64.

<sup>45</sup> Cf. DUNN, J.D.G. Espírito, Espírito Santo (NT). In: *DITNT*, v. 2, p. 130

<sup>46</sup> Asseguramos, com Christine Kaufmann: “O centro absoluto do conceito ‘mística’ não é uma escola, não é um pensamento, não é uma experiência da humanidade em geral, é uma pessoa, é o Filho eterno do Pai que por obra do Espírito Santo se encarnou e tornou absolutamente possível a comunhão com Deus para os seres humanos e, neles, para toda a criação” KAUFMANN, C. *Op. Cit.* p. 489.

<sup>47</sup> “As indicações mais claras sobre a ação do pneuma em Jesus se encontram no Evangelho de Lucas, no qual ele mostra que desde o princípio Jesus é o possuidor do espírito de Deus porque nascido do espírito (Lc 1,35). Nesta narrativa, Lucas fala do pneuma como ação criadora de Deus que dá início à gravidez de Maria por obra do Espírito Santo (cf. Lc 1,35; Mt 1,18.20)”. BOFF, Lina. *Espírito e missão na Obra de Lucas-Atos*. Para uma teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 26

<sup>48</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* 65-66.

<sup>49</sup> “Jesus mesmo ensina a oração cristã por excelência, o pai-nosso, que resume toda a pregação do Reino e toda a resposta do discípulo”. *Ibid.*, p. 78.

para que o pão nosso torne verdadeiro o projeto de que o Pai seja nosso, na medida em que o pão for de todos e não de uns poucos<sup>50</sup>.

Cristo, a sua humanidade, os mistérios da sua morte e ressurreição entram necessariamente na estrutura e no conteúdo da mística cristã. Não existe elevação à contemplação do divino sem a etapa prévia do encontro com Cristo, Deus-homem.

O que caracteriza a mística de Jesus, que se poderia chamar de ‘mística do conflito’, não é a ausência ou a fuga do conflito<sup>51</sup>. Jesus mergulha na conflitividade, e tanto, que teve um gesto que, até hoje, tira o sossego dos exegetas: por que teria ido para Jerusalém, cidade em que pisou raríssimas vezes, no exato momento em que era mais procurado? O núcleo da mística de Jesus, para poder viver e conviver com o conflito, é a intimidade com Deus, a quem trata com muito carinho, chamando de “*Abba*”, meu Pai querido. Deus é, nele, uma experiência de amor<sup>52</sup>. Não um conceito doutrinário. Deus é, em Jesus, uma experiência afetiva, afetuosa. Outra característica é que Jesus reza em meio à conflitividade da vida pública. Muitas pessoas o seguiam, inclusive os discípulos, tentando protegê-lo um pouco. Às vezes parece cansado, sem hora para comer ou dormir, enquanto tantas pessoas recorrem a Ele, aflitas, necessitadas. Mas Jesus procura dedicar tempo à comunhão com Deus-Pai<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> Cf. BETTO, F.; BOFF, L. *Mística e Espiritualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 123.

<sup>51</sup> O conflito, a radicalidade, o martírio, aquele seguimento de Jesus até as últimas consequências são analisados com muita lucidez por Carlos Bravo, como escreve na introdução Dom Pedro Casaldáliga, o sonho da Galiléia, entretanto, continua a ser da mais legítima e desafiadora atualidade evangélica. E proclamar, hoje mais do que nunca, o divino sistema do Reino, o regime das bem-aventuranças, a opção pelos pobres e excluídos, esse preferir absolutamente o Pai e os irmãos e irmãs, acima da própria vida. Cf. GALLARDO, C.B. *Jesus homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 5-7; FERRARO, B. *Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, o autor retoma o tema, faz referência a Carlos B. Gallardo, no capítulo sobre as controvérsias evangélicas e o processo de rejeição de Jesus, revelando os vários conflitos causados pela prática histórica de Jesus, com excelente e atualizada bibliografia, p. 106-120.

<sup>52</sup> Sobre a maneira pela qual Jesus se relaciona com o Pai e a qualidade dessa relação que constituem o sinal mais fundamental da presença do Reino de Deus: RUBIO, A. G., *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 73-79, com vasta indicação bibliográfica. Ensina o autor: “Temos certeza histórica de que Jesus se dirigia a Deus invocando-o como “*Abba*”. O termo, tomado da linguagem familiar, é próprio da criança, em sua relação com um pai amoroso. Duas palavras traduzem bem o que significa para Jesus a relação com Deus como “*Abba*”: confiança e fidelidade. Jesus sente-se acolhido e amado pelo Pai e nele tem profunda confiança. Jesus guarda fidelidade até as últimas consequências, à vocação do messianismo de serviço, em conformidade com a vontade do Pai” p. 73.

<sup>53</sup> Cf. BETTO, F.; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 151-152.

Em Cristo se dá o acontecimento místico absoluto, ele é o acontecimento místico porque ele é pessoa divina e homem verdadeiro, nele se realizam a total união e a total comunhão entre Deus e o homem. Ele é o Mistério a que o ser humano tende enquanto é o Filho do Pai e o seu Espírito é o Espírito Santo<sup>54</sup>. Jesus de forma única e absoluta inaugura uma nova maneira de relacionamento com Deus pelo Espírito. É graças à presença de Cristo, e só por meio dessa presença, que nasce a Igreja, o novo Povo de Deus, movida pelo dom que recebeu<sup>55</sup>.

A mística designa sempre à mesma realidade central do cristianismo, seja sob o aspecto de revelação final do plano de Deus discernido através das Escrituras, elaborado através de toda a história humana; seja sob o aspecto do símbolo sacramental que contém, ele mesmo, o objeto desta revelação e que acaba por ele de se realizar em nós.

**a.**

### **A mística dos sinóticos: a presença do Reino**

Tanto no teólogo como no exegeta, o gramático insinua-se, porque, para começar, lidamos com palavras, seus significados, suas traduções, suas articulações num discurso. De fato, com estas palavras, tanto podemos nada dizer como podemos confessar nossa fé. Assim acontece com a expressão “Reino”, “Reino de Deus”<sup>56</sup>. Com esta linguagem exprimimos nossa conversão a Deus, nossa fé no Evangelho outrora proclamado por Jesus e depois proclamado pela Igreja num novo ‘hoje’. Nossa esperança militante e

<sup>54</sup> Cf. KAUFMANN, C. *Op. Cit.* p. 489, “O núcleo da mística é a vida trinitária que se derrama sobre a criação na pessoa de Cristo”. *Idem.*

<sup>55</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 71.

<sup>56</sup> A literatura sobre “Reino de Deus” é bem vasta. Mencionamos aqui apenas a mais essencial dentro do nosso tema: GOPPELT, L., *Teologia do Novo Testamento*. 1º e 2º Vol. Petrópolis: Vozes, 1983, p.101-108; VV. AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997; NEUTZLING, I. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986; JEREMIAS, J., *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1977, p. 54-58; WACKER, M-T. Reino de Deus. In.: *DCFT*, p. 765-769; GRECH, P. Experiência espiritual bíblica (NT). In: GOFFI, T.; SECONDIN, B. *Problemas e perspectivas de espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 52-56; BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 76-92; RUBIO, A. G. *Op. Cit.*, p. 33-48; PIXLEY, G. V. *O Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 77-101; FERRARO, B. *Op. Cit.* p. 77-96, com indicações bibliográficas para ulteriores aprofundamentos; BOMBONATTO, V. I. *Op. Cit.* p.212-225; LIBÂNIO, J.B.; BINGEMER, M.C.L. *Escatologia Cristã*. O Novo Céu e a Nova Terra. Tomo X. Série III: A libertação na história. Petrópolis: Vozes, 1985, especificamente: p. 101-145.

paciente neste Reino de Deus é um dos primeiros pedidos da oração do Pai-Nosso (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4)<sup>57</sup>.

Chama-nos a atenção o número elevado em que a expressão ‘Reino’ (*Basiléia*) aparece nos Evangelhos e especialmente nos lábios de Jesus<sup>58</sup>. O Reino de Deus é a ordem transcendente do tempo e espaço que irrompeu na história na missão de Jesus. Neste evento tudo aquilo que o profetismo havia longamente esperado teria agora sido realizado na história. De toda forma o futuro escatológico do Reino já teve seu início na missão de Jesus. O ministério de Jesus como um todo é um evento no qual o Reino é realizado e com a mensagem do Reino e as ações de Jesus, o Reino irrompeu na história. Podemos dizer que o Reino de Deus é o governo/reinado/domínio de Deus, em primeiro lugar por meio do ministério de Jesus cumprindo toda a expectativa do AT e em segundo lugar como uma consumação final, inaugurando os ‘novos céus e a nova terra’<sup>59</sup>.

O tema da pregação de Cristo não foi ele mesmo nem a Igreja, mas o Reino de Deus. Reino de Deus significa a realização de uma utopia do coração humano de total libertação da realidade humana e cósmica. É a situação nova do velho mundo, totalmente repleto por Deus e reconciliado consigo mesmo. Numa palavra poder-se-ia dizer que o Reino de Deus significa uma revolução total, global e estrutural da velha ordem, levada a efeito por Deus e somente por Deus. Cristo se entende a si mesmo não só como um pregador e profeta desta novidade, mas como já um elemento da nova situação transformada. Ele é o homem novo, o Reino já presente, embora sob os véus da fraqueza. Aderir

<sup>57</sup> Assim acontece com “Reinado” e “Reino” de Deus que merece de São Paulo uma advertência: não são apenas uma ‘palavra’, mas um ‘poder’ (1Cor 4,20). O vocabulário guarda variações de sentido e interpretações com grandes entrelaçamentos e diferenças, como: “A corrente chamada escatológica implica o caráter pessoal e atual da fé e da conversão que já significam o acolhimento do Reino de Deus. A corrente místico-espiritual possui uma dimensão social desde agora, na Igreja até para além da morte, no mundo dos ressuscitados”. VIDAL, M.; In.: VV. AA. *Op. Cit.* p. 82.

<sup>58</sup> J. Jeremias nos dá a quantidade final, distribuída da seguinte maneira: em Marcos, treze vezes; nos *logia* de Mateus e Lucas, nove vezes. Diante desses números, especialmente nos Sinóticos, que nos interessam mais, os especialistas são unânimes em afirmar que o ‘Reino de Deus’ é a mensagem central do ensino de Jesus. Os sinóticos introduzem seus respectivos evangelhos com a notícia da irrupção do Reino de Deus (*basiléia tou Theou*) (cf. Mc 1,14-15; Mt 4,23; Lc 4,21). Cf. JEREMIAS, J. *Op. Cit.*, p. 54, notas 8-15. Com pertinente citação e avaliação.

<sup>59</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 72-73.

a Cristo é condição indispensável para participar na nova ordem a ser introduzida por Deus<sup>60</sup>.

Com o advento do Reino, realiza-se a vontade salvífica de Deus. Ao convite-desafio de Jesus, deve o/a discípulo/a responder. Sua resposta, dentro do que contempla o Novo Testamento, configurará aquilo que chamamos ‘mística cristã’; nesse caso particular, uma mística evangélica. O Reino não se instaura como consequência de um discurso. A função do discurso, do *kerigma*, tão-somente anuncia a iminência do Reino; no entanto, a sua irrupção depende das obras singulares de Jesus, mormente de sua morte e ressurreição. Diante disso, surge como condição *sine qua non* a necessidade imperiosa e urgente de uma experiência de conversão, que é não apenas um novo tipo de comportamento, mas também um assentimento de fé na Boa-Nova de que finalmente o Reino foi inaugurado por meio da encarnação do Filho de Deus<sup>61</sup>.

O Reino não pode ser visto como um ideal a ser alcançado, um estado conseguido pelo esforço próprio ou mesmo como um lugar privilegiado, será sempre iniciativa da graça de Deus e ao irromper neste mundo não pode ser mais do que crise de tudo o que vigora nele. É o Reino que vem em direção ao ser humano e por isso questiona se lhe pertence ou não, se está pronto para recebê-lo e nele entrar, para suportar sua vinda ou discernir seu mistério<sup>62</sup>.

O Reino traz a lume também seu aspecto paradoxal: ao mesmo tempo em que é essencialmente graça no entranhável chamado que Deus faz, significa também um desafio carregado de seu julgamento, pois exige conversão, como

---

<sup>60</sup> Cf., BOFF, L. *Op. Cit.*, p. 76-77. Este autor ainda escreve: “A experiência radical de Jesus reside na experiência de um absoluto sentido, interpretado por ele como Reino de Deus. Esta experiência se funda, por sua vez, na experiência de Deus, como Pai de bondade, do qual se sente Filho bem amado e Unigênito. É um Deus da total reconciliação. Nele tudo é reconciliado e reconduzido à unidade original. Ele é o sentido do homem e do mundo, sentido presente e total. Em sua existência ressuscitada temos a amostra daquilo que será para todos e para o cosmos”. Jesus de Nazaré e Francisco de Assis. Articulações diferentes de um mesmo mistério. In.: VV. AA. *Nosso Irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 126.

<sup>61</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* 73-74; BOMBONATTO, V. I. *Op. Cit.* p. 212-220; FERRARO, B. *Op. Cit.* p. 32-43. “A Encarnação encerra uma mensagem concernente não só a Jesus Cristo, mas também à natureza e ao destino de cada homem. Por ela, viemos a saber quem de fato somos e a que estamos destinados, quem é Deus que em Jesus Cristo nos vem ao encontro, com uma face semelhante à nossa para – respeitando nossa alteridade – nos assumir e repletar de sua divina realidade” BOFF, L. *Op. Cit.* p. 151.

<sup>62</sup> Cf. WACKER, M.T. *Op. Cit.* p. 768; CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 74. Diante do anúncio do Reino de Deus a resposta deve ser imediata, uma decisão existencial que arrisca tudo, que vende tudo o que tem para comprar a pérola, o tesouro (cf. Mt 13,35ss), que não espera nem mesmo o enterro do próprio pai (cf. Lc 9,59s). Dessa maneira, tudo aquilo que compromete a eficácia de nossa resposta deve ser relativizado em detrimento do absoluto da chamada. Cf. GRECH, P. *Op. Cit.* p. 57.

experiência-desafio inicial requerida para receber a salvação: “Em verdade eu vos digo: se não mudardes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 18,3).

A originalidade da mística do Reino consiste no fato de que a relação com Deus está pautada não pelo temor, mas pelo amor que se reflete também ao próximo (cf. Mc 12,30-31). Dentro dessa perspectiva ética e a partir do modelo da generosidade de Deus para com o amor ao próximo<sup>63</sup>.

Nos sinóticos o discipulado e a caminhada com Jesus devem ser até Jerusalém, para tomar com ele o cálice do sofrimento. Antes, porém, de se identificar com Jesus na cruz, o discípulo deve seguir a pessoa e a missão de Jesus. A mística da vivência da fé em Cristo e uma correta resposta à revelação do Reino são componentes fundamentais da fé com a qual se deve acolher a mensagem de Jesus, uma fé que culmina na aceitação da cruz de Cristo (cf. Mt 10, 38; 16,24). Portanto, o Reino se torna acessível àquele que, em um ato de decisão, deposita fé em Jesus. É em sua identificação com a pessoa e o ministério de Jesus que deve ser compreendida a vinda do Reino. Jesus conclama experiência mística dos discípulos, no caminho<sup>64</sup>, nessa peregrinação, expectativa e esperança, esse aspecto ainda misterioso que nos faz caminhar graças à fé. Seguir o caminho e manter uma conduta são designados por uma mesma palavra, um mesmo conceito, uma mesma

---

<sup>63</sup> É evidente que dentro da ‘categoria’ próximo estão incluídos o estrangeiro (cf. Lc 10, 25-37), o inimigo e o perseguidor (cf. Mt 5,43-48), o marginalizado (cf. Lc 14,12-14), os pecadores (cf. Lc 17,3s), aos pobres o Reino de Deus apresenta o “rosto fraterno de um Pai de ternura, interessado em nossa humanidade. Daí o seu coração de entranhas de misericórdia voltar-se preferencialmente para aqueles destituídos da verdadeira condição de vida, mas constituídos ‘concidadãos de Deus’ cujo dom do Reino já lhes pertence (cf. Mt 5,3). Deus ama os pobres, não a sua realidade. Esta constitui motivo de sua iracúndia e atenção da sua misericórdia: “criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma a sua defesa e os ama” (Puebla 1142). O fundamento do privilégio dos pobres tem, portanto, seu alicerce teológico no próprio Deus. E este privilégio não esvazia o sentido da universalidade do Reino, mas lhe dá uma concreticidade e exigência bem singulares”. TEIXEIRA, F. L. C. *A espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 16.

<sup>64</sup> Os Atos – caso único no NT – designam o cristianismo como o caminho (*hodós*), empregando o termo, quase sempre, em absoluto, sem qualificativos. Encontramo-lo, pela primeira vez, no relato da conversão de Saulo de Tarso (cf. At 9,1-5; At 22,4) Em três passagens, o vocábulo ‘caminho’ vem com um esclarecimento: ‘caminho de Deus’ (At 16,17); ‘caminho do Senhor’ (At 18,25) e ‘caminho de Deus’ (At 18,26). Para alguns, caminho designa antes os cristãos que seguem a senda do Senhor, do que uma maneira de viver. Para outros, caminho assinala, em primeiro lugar, a doutrina cristã. Cf. At 9,2, Nota referência. TEB,

experiência: seguir Jesus Cristo, estilo de vida que se ensina com o testemunho de um caminho que supera a todos (cf. 1Cor 12,31)<sup>65</sup>.

Uma vez que a mensagem de Jesus se ocupa prioritariamente em anunciar o Reino de Deus, essa mensagem é veiculada tanto por seu *kerigma* quanto por sua *didaqué*. Sua pregação e seu ensino servem como instrumento para anunciar a presença inaudita do Reino, sua realidade, seu dinamismo místico transformador. Dessa forma na mística desenvolvida pelos sinóticos, Jesus está plenamente consciente de encontrar-se em um momento crucial da história, de ser o encarregado em oferecer aos homens e mulheres o dom que Deus lhe concede de seu Reino e de ser o responsável pela acolhida favorável da parte dos discípulos e discípulas ao oferecimento do Reino. Jesus oferece-se em comunhão à comunhão com o Pai no Espírito; aqui está o sentido último e transcendente da mística do Reino nos sinóticos: a comunhão plena com Deus<sup>66</sup>.

O Reino de Deus é, por fim, o horizonte que convoca a uma nova exigência de comportamento: é dom gratuito, mas também transfiguração do mundo da pessoa. São simultaneamente graça e apelo exigente de conformidade ética ao seu desígnio de vida. Implica o seguimento, não como atitude genérica ou abstrata, mas que vem acompanhado de uma exigência fundamental: a realização histórica da atitude de afirmação de vida presente na trajetória de Jesus<sup>67</sup>.

O Reino de Deus constitui o coração da mensagem e da vida de Jesus, o centro e o núcleo de sua mensagem<sup>68</sup>, e diz respeito à libertação de todas as realidades e suas forças que alienam e oprimem o ser humano. A mística do Reino expressa uma nova ordem das coisas, uma ‘nova criação’<sup>69</sup>, um domínio de Deus como agir recriados e vivificador de tudo aquilo que está sob o domínio das forças da morte<sup>70</sup>.

<sup>65</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 77-78.

<sup>66</sup> Cf. SALVADOR, F.R. *Compêndio de teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 91; CAVALCANTE, R.. *Op. Cit.* p. 78-79.

<sup>67</sup> Cf. TEIXEIRA, F. L. C. *Op. Cit.* p.13.

<sup>68</sup> Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979, n. 9.

<sup>69</sup> Com o termo “criação” (no hebraico *bara*, traduzido nos LXX como *Ktisis*), o cristianismo dá sua particular resposta à pergunta pela compreensão do mundo. RUIZ PÉREZ, F.J. Criação e ecologia. In: *NDT*, p. 116. Voltaremos ao tema.

<sup>70</sup> Cf. SCHILLEBEECKH, E.; *Umanità la storia di Dio*. Brescia: Queriniana, 1992, p. 139, *Apud* TEIXEIRA, F. L. C. *Op. Cit.* p. 13.

b.

**A mística do seguimento de Cristo**<sup>71</sup>

Partimos da consideração de que a vida como caminho, ou melhor, ainda, como viagem, é desde sempre metáfora sugestiva, com a qual o ser humano interpreta a complexidade de seu ser. Surge como categoria unificadora da vivência, parábola da vida. Bastariam lembrar viagens paradigmáticas e meta-históricas, como as de Guilgamesh, Ulisses, Dante, até o vôo da gaviota Jonatas. O pensamento contemporâneo aprofunda mais a compreensão do ser humano como *homo viator* que se constrói em seu devir histórico.

Também a teologia cristã se compraz em considerar a perfeição evangélica, a santidade e a união com Deus como realidades em devir, em vez de estáticas e verificadas uma vez por todas; realidades que exigem ‘caminho’ em dinamismo progressivo e contínuo. O conceito de seguimento vem ao encontro dessa visão dinâmica da vida mística<sup>72</sup>.

Seguimento de Cristo (*sequela Christi*) é uma exigência da fé<sup>73</sup>, esperança e amor a Deus, entendido em sentido místico, em resposta ao chamado da vocação única à santidade, a viver segundo o Espírito. Gustavo Gutiérrez introduz o leitor a uma das suas obras mais ‘místicas’, afirmando: “Seguir a Jesus define o cristão. Refletir sobre esta experiência é o tema central

<sup>71</sup> É muito vasta a literatura sobre o seguimento de Jesus, destacamos alguns títulos: CASTILLO, J. M. *El seguimiento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1987; CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 94-99, onde o autor trabalha a distinção entre imitação e seguimento de Cristo; BLANK, J. Seguimento. In.: *DCFT*, p. 819-822, com considerável bibliografia; BLANCO, S. Seguimento. Fundamentação bíblica. In.: *DTVC*, p. 1010-1015; FERNÁNDEZ, B. Seguimento. Reflexão teológica. In.: *DTVC*, p. 1015-1026; CIARDI, F. Seguimento. In.: *DM*, p. 952-954; MONGILLO, D. Seguimento. In.: *DE*, p. 1041-1048; NEUTZLING, I. *Op. Cit.* especialmente p. 173-184; BOMBONATTO, V. I. *Op. Cit.* Toda a obra é dedicada ao tema na perspectiva da teologia segundo Jon Sobrino, a bibliografia é completa; TEIXEIRA, F. L. C. *Op. Cit.*; TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, importante tese para compreensão do significado do termo seguir; GALILEA, S. *O Caminho da espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 61-70; COMBLIN, J. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004; COSTA, A. S. O caminho espiritual como processo de seguimento e conformação a Cristo. In.: BARROS, P.C. *A serviço do Evangelho*. Estudos em homenagem a J.A.Ruiz de Gopegui, em seu 80º aniversário. São Paulo: Loyola, 2008, p.163-183: este último, estudo atualizado com bibliografia bastante completa; SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, especialmente o último capítulo, p. 462-499. O tema do seguimento de Jesus é recorrente na teologia de Jon Sobrino.

<sup>72</sup> Cf. CIARDI, F. *Op. Cit.* p. 952-953; MONGILLO, D. Seguimento. In. *DE*, p. 1042-1043.

<sup>73</sup> As exigências radicais do seguimento de Jesus (cf. Lc 9,57-62) indicam que nele irrompe o Reino de Deus. Os que o seguem são expropriados de seu mundo e feitos herdeiros de um mundo novo, definido pela própria pessoa de Jesus. Cf. CIARDI, F. Seguimento. In: *DM*, p. 954.

de toda teologia sadia. Experiência e reflexão de uma comunidade movida pelo Espírito e orientada pelo anúncio da Boa-Nova: o Senhor ressuscitou”<sup>74</sup>.

A realidade do seguimento deve ser buscada dentro do contexto teológico radical, tem raízes na profecia do Antigo Testamento, quando da formação do grupo profético de discípulos e do seguimento no ofício de profeta e na mediação do Espírito. Nesse sentido, e tendo como pano de fundo a sucessão do múnus profético da antiga aliança, por exemplo, em Elias/Eliseu (cf. 1Rs 19,19-21) e também Isaías/discípulos (cf. Is 8,16), os evangelhos apresentam Jesus como mestre (cf. Mc 1,21; 2,13; 4,1s; 10,17), distinto, porém, dos mestres judeus, convocando a uma justiça maior que a dos escribas e fariseus (cf. Mt 5,20b); de maior radicalidade, de maior sinceridade e pureza de intenção; de maior seriedade no cumprimento da vontade de Deus, e, supérfluo dizê-lo, do amor maior (o mandamento do amor aos inimigos)<sup>75</sup>.

A perícopa da ‘vocação dos discípulos’ (cf. Mc 1,16-20) evidencia que a iniciativa ao seguimento parte inteiramente de Jesus. Na metáfora dos ‘pescadores de homens’ já soa o chamado para o seguimento, que terá a ver com a pregação e a missão. De imediato é decisivo que se trata de vinculação à pessoa de Jesus e à sua mensagem<sup>76</sup>. A motivação decisiva para o seguimento é como já acentuamos, o Reino de Deus. A isso se liga imediatamente a constituição do grupo dos doze (cf. Mc 3,13-19 par.)<sup>77</sup>.

A palavra de Cristo aos seus discípulos, ‘segue-me’, se torna imperativo absoluto e incondicionado que, continuando a ressoar ao longo da história da Igreja é a origem da vida mística. Ela provoca no discípulo o êxodo completo de si mesmo e de tudo a que ele está ligado, e o conduz atrás de si à adesão plena à pessoa, à mensagem e ao destino dele<sup>78</sup>.

<sup>74</sup> GUTIÉRREZ, G. *Beber do próprio poço: Itinerário Espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1987, p.13. Toda a obra é permeada pela teologia do seguimento, numa perspectiva bíblico-latino-americana.

<sup>75</sup> Cf. BLANK, J. *Op. Cit.* p. 819-820.

<sup>76</sup> “J.M. Castilho sintetiza o conceito de seguimento afirmando uma pontuação de proximidade a Jesus e seu movimento acompanhando Jesus pela itinerância. O esquema do seguimento é este: “(a) Jesus passa; (b) vê alguém; (c) indicação de atividade profissional desse homem; (d) o chamado; (e) o deixar tudo; (f) o vocacionado segue a Jesus”. Em comparação avaliativa, Pablo Maroto opta pelo ‘seguimento’ em detrimento da ‘imitação’, e cita novamente Castilho: “A tradição apresentou a vida cristã como imitação de Cristo e o termo não é evangélico; e falou pouco de seguir ‘seguimento, o único que aparece nos evangelhos”. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 95.

<sup>77</sup> Cf. BLANK, J. *Op. Cit.* p. 821

<sup>78</sup> Cf. CIARDI, F. Seguimento. In: *DM*, p. 952.

Constatamos a categoria do seguimento a partir da nova aliança, tendo como centro o mistério da encarnação. Instaura-se assim um novíssimo relacionamento de amizade entre Jesus e os vocacionados. Amizade que em João, por exemplo, toma a conotação de conhecimento progressivo que se distancia tanto da ideologia quando do perfeccionismo moral e legalismo religioso. Seguir é tender a formar uma só realidade com a pessoa de Jesus; é consentir que seu Espírito se situe no mais profundo de nossa intimidade; é sintonizar com o estado pascal pneumatizado de Cristo<sup>79</sup>.

A partir da encarnação, abre-se a porta, tanto ao seguimento como à imitação<sup>80</sup> de Cristo<sup>81</sup>, para o referencial da humanidade de Cristo, como fundamento de toda a experiência mística de Deus. O seguimento de Cristo é expressão própria para definir o caminho cristão hoje como em todos os tempos, é historicamente confirmado pela experiência dos apóstolos, discípulos e discípulas do tempo de Jesus, que viveram com ele. Consideremos este seguimento como radical adesão à pessoa de Jesus, à sua vida e ao seu destino, Jesus que é caminho, verdade e vida. O seguimento constitui parte essencial da história suscitada por Jesus e pelo Espírito Santo<sup>82</sup>.

O seguimento de Cristo é colocar-se a caminho para atingir o Reino de Deus. Seguimento que pressupõe um itinerário cuja meta é a realidade da ressurreição. Dado ser Ele quem historizava a fé cristã, não constitui nenhuma surpresa que historizasse o seguimento no que este tem de encarnação, missão e carregar a cruz. Mas, como místico, viver já como ressuscitado na história, relacionar o seguimento de Jesus com o plenificante e o escatológico<sup>83</sup>.

<sup>79</sup> Cf. GOFFI, T., *La experiencia espiritual, hoy*. p. 124. *Apud.*, CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 95-96

<sup>80</sup> A tradição hesitou muitas vezes em empregar a terminologia do seguimento, ou a usou com parcimônia, porque a considerava entreitadamente ligada à experiência pré-pascal. Preferiu empregar o registro da imitação, valendo-se da interpretação da interpretação verificada já nos escritos neotestamentários. O Concílio restabeleceu o conceito de seguimento, dando-lhe a função de chave interpretativa da existência cristã (cf. LG 41a; GS 41a; CD 11c; AA, 4fbis). Cf. CIARDI, F., Seguimento. In: *DM*, p. 955.

<sup>81</sup> Paulo considera a relação de seguimento a Jesus no contexto de nossa aliança em termos de 'imitação de Cristo'. um de seus axiomas básicos é: "Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo" (1Cor 11,1; cf. 3,7; 1Cor 4,16). Tal imitação está vinculada prioritariamente e essencialmente querigmática: fazer-se apóstolo ao estilo de Paulo (cf. 1Ts 1,6s), comprometer-se na difusão do Evangelho, pôr-se a serviço do Reino de Deus como fez o próprio Jesus. Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 96

<sup>82</sup> Cf. *Ibid.* p. 98-99.

<sup>83</sup> Imprescindível para aprofundar esta questão do horizonte escatológico da ação de Jesus no mundo, se verifica na história da fé como esperança e realidade e a teologia como crítica escatológica da sociedade, conforme teses apresentadas para ulterior verificação: METZ, J.B.

Comporta a mística do seguimento de Cristo a permissão, a urgência e a boa disposição para viver já, aqui e agora, a vida do mundo futuro. E isso quer dizer: viver a vida da plenitude escatológica em um tempo de caducidade que não está preparado para isso; e suportar todos os golpes e todas as desvantagens que tal vida supõe<sup>84</sup>.

O lugar de verificar – sem alienações nem autoenganos – se e de que forma participamos já na realidade escatológica é a mística do seguimento de Jesus e não outra coisa. Mística do seguimento ao contrário da vivência da religião como diversão, acomodação e descompromisso, mas como imperativo da vivência radical da fé, esperança e amor, no empenho da vida inteira de busca do Absoluto de Deus e em conseqüências relativizar tudo o que não é Deus<sup>85</sup>.

Tematizar a mística da experiência cristã de Deus no seguimento de Jesus Cristo significa colocar essa experiência como o projeto fundamental da vida, como o pólo orientador de todas as atividades e o marco para todas as demais referências da existência. E o pobre é um caminho seguro que nos acompanha de encontro a Deus.

**c)**

### **Mística como solidariedade: dom de Deus aos pobres**

A mística cristã, porque é histórica, orienta-se pelo seguimento de Jesus, esse propósito implica um compromisso de solidariedade para com os pobres, pois Jesus inclui-se entre eles e pessoalmente opta pelos marginalizados das estradas, do campo e das praças das cidades. Implica um compromisso de transformação pessoal e social, presente na utopia pregada por Jesus, do Reino de Deus, que começa a realizar-se na justiça para com os pobres e, a partir daí, para todos e para toda a criação.

---

*Pour une théologie du monde*. Paris: Les Editions du CERF, 1971, p. 95-115.

<sup>84</sup> Cf. SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 27. “O seguimento é a estrutura de vida, o canal marcado por Jesus para se caminhar, e o Espírito é a força que capacita para caminhar real e atualizadamente por esse canal ao longo da história. Por isso, mais que de seguimento, deve-se falar de pro-seguimento, e a partir daí a totalidade da vida cristã pode ser descrita como “pro-seguimento de Jesus com espírito”. O “seguimento” remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O “com espírito” remete à força para o caminhar real. E o “pro” remete à necessidade perene de atualização e à abertura à novidade do futuro”. Ibid. p. 483.

<sup>85</sup> Cf. BERTELLI, G. A. *Mística e Compaixão*. A teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 2005, p. 221.

O seguimento de Jesus, pela proposta nova que proclama, introduz conflitos e perseguições e até martírio. Mas tudo é assumido como preço a se pagar pela solidariedade para com os sofredores e para com o Servo sofredor Jesus<sup>86</sup>.

A mística cristã é fundamentalmente um dom de Deus Pai, que continua o dom fundamental de si que é seu Filho encarnado. O próprio Jesus afirma onde e como se recebe, preferencialmente, esse dom. Recebe-se no mundo dos pobres, em uma práxis que responda eficazmente à missão de tirar o pecado do mundo, a morte do mundo, para que o mundo e o ser humano tenham mais vida. Que os pobres sejam lugar preferencial de revelação e de comunicação viva do Deus cristão, é algo sobre o qual há poucas dúvidas; o exemplo do próprio Filho, que, sendo rico, tornou-se pobre, e o empenho de todos os grandes reformadores da Igreja para retomar a pobreza como elemento desencadeante da reforma, deve servir como prova.

Exige-se uma práxis libertadora do pecado do mundo, pecado que é o grande obstáculo para que irrompa, historicamente, a vida de Deus entre os seres humanos, o Reino de Deus, é também, algo essencial à fé cristã e é condição indispensável da vida mística, porque uma mística que não venha de Jesus e não vá a uma práxis libertadora do pecado e de suas conseqüências, não responderia à sua vida e ao Reino<sup>87</sup>.

Entendemos a mística da solidariedade como dom de Deus aos pobres, como uma forma concreta, movida pelo dom do Espírito de viver o Evangelho. Maneira precisa de viver ‘diante do Senhor’ em solidariedade com todos os filhos e filhas de Deus e suas criaturas todas. Trata-se de um ‘clima’, de uma ‘atmosfera’, de uma atitude vital, global e sintética a informar a totalidade da existência. Nesse sentido a mística é libertadora e implica a experiência de conversão como decisão de empreender um novo caminho. “Convertam-se” é a exigência que vem acompanhada da experiência do Reino como dom. A conversão é a ‘pedra de toque’ de toda a mística e significa uma radical transformação de nós mesmos, implica rupturas dolorosas, mas abrindo novas

---

<sup>86</sup> Cf. BETTO, F.; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 44.

<sup>87</sup> Cf. ELLACURÍA, I., *Espiritualidade*. In.: *DCFC*, p. 243, conclui o autor: “Esta é a grande prática espiritual, isto é, a vida inteira dedicada, a partir dos pobres, onde o pecado, negação do Espírito de vida, desapareça do mundo, para que irrompa, na história definitivamente, o Reino de Deus, que é o Deus de vida”. *Idem.*

perspectivas de solidariedade, que é opção pela vida, opção pela vida dos pobres, os que estão sujeitos a uma morte prematura e injusta<sup>88</sup>.

**d)**

### **Mística contemplativa: resposta pessoal ao Deus que se aproxima**

Uma outra vertente mística na perspectiva do Novo Testamento é claramente contemplativa. Ela afirma que tanto o Filho que se encarnou quanto o Espírito têm a ver com o mistério da criação e redenção. Eles estão aí presentes, fermentando o processo de ascensão ao Reino da Trindade. Eles recapitulam no ser humano o universo e lhe dão orientação segura que convergirá numa síntese bem-aventurada. Ele também participará da ressurreição de toda a carne. Por isso, há futuro para as estrelas, montanhas, plantas, animais e povos.

O conceito contemplar, isto é, examinar por longo tempo, com admiração – compõe-se de duas palavras: *cum* e *templum*; *cum*=com, indica simultaneidade e contemporaneidade, comunhão e união; *templum*=espaço celeste, espaço circunscrito pelo céu alcançado pelo olhar, ou templo sagrado e consagrado. Juntas as palavras, formando um conceito, assumem o significado de habitar esse espaço celeste ou templo divino<sup>89</sup>.

Durante séculos a palavra mais frequente na tradição cristã para o conhecimento místico de Deus ou a teologia mística<sup>90</sup>, ou a sabedoria mística tem sido contemplação<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 172; Id. *Op. Cit.*, p. 107s. Uma mística que “pretende ser séria, escreve Gutiérrez, evitará que sejamos negligentes com nossos compromissos e com a nossa vida cristã. É a firmeza daquele que está convencido, daquele que sabe o que quer, daquele que depositou sua esperança no Senhor e entregou sua vida ao próximo. A solidariedade requerida pela opção preferencial pelos pobres nos devolve a esta atitude fundamental do cristianismo, qual seja, a necessidade de uma contínua conversão. Assim procedendo, estaremos descobrindo, nesta permanente atitude uma ruptura e neste novo caminho, dimensões mais profundas no campo pessoal, do social, do material e do espiritual. A conversão ao Senhor, aquela que nos reconduz à solidariedade com os oprimidos, exige obstinação e firmeza no caminho que empreenderemos”. *Ibid.* p. 118.

<sup>89</sup> Cf. BORRIELLO, L. Contemplação. In: *DM*, p. 261.

<sup>90</sup> Sobre este conhecimento místico de Deus que se deixa experimentar em espírito e verdade e também na carne humana assumida e redimida pela Encarnação do Verbo, ocupação primeira da teologia: “Uma teologia mística, não só porque estaria centrada na reflexão sobre o que lhe é próprio, ou seja, a revelação e a experiência do mistério, mas também porque tomaria cada vez mais a forma não da especulação abstrata, mas da narração das relações solidárias, compassivas e amorosas do homem com Deus” BINGEMER, M. C. L. *Op. Cit.* p. 75.

<sup>91</sup> Cf. VELASCO, J. M. *Op. Cit.* p. 359. “Do neoplatonismo em diante, até os primórdios do cristianismo, seguindo as pegadas da Bíblia e das obras de Filon de Alexandria, os Padres co-

No decorrer do tempo vão se delineando duas correntes: o intelectualismo, de derivação tomista, que considera a contemplação, sobretudo como ação da inteligência que gera o amor; e, a outra, o voluntarismo, representado pelos frades franciscanos São Boaventura (+1274) e o Beato Duns Scoto (+1308), que considera a contemplação como amor e fruto do amor<sup>92</sup>.

Em última análise, a contemplação indica uma forma superior de conhecimento, caracterizada pela simplicidade do ato; ou seja, ele se realiza num ato simples de intuição da verdade ou de repouso tranquilo no objeto conhecido pela vida espiritual contemplativa<sup>93</sup>.

A realidade da contemplação, já no seu uso ordinário, remete a uma forma determinada e superior de visão e conhecimento, que se exerce em diferentes ordens da vida e fazem referência a uma forma peculiar de aplicação da atividade cognitiva, sensível ou intelectual, em relação com a natureza, as atividades estéticas e a vida religiosa<sup>94</sup>.

A mística contemplativa permite descobrir uma particular e mais intensa atenção, concentração do conhecimento como uma visão que penetra até o interior da realidade e de suas verdades, além das aparências. Guarda o componente da admiração diante das qualidades do que é contemplado. Como um repouso sobre a realidade contemplada. O cuidado da indagação que protege o olhar e o purifica. O sujeito humano que contempla se deixa iluminar, guiar por uma verdade, pela beleza ou santidade da realidade contemplada. A vida mesma se transforma: vida contemplativa do contemplativo<sup>95</sup>.

A vida mística deixa brilhar a realidade contemplada. A mística contemplativa e espiritual é a dos olhos abertos, cósmica. Ela procura unidade em todas as diferenças, na medida em que um fio divino perpassa o universo, a

---

meçaram a considerar a contemplação como meditação da alma sobre si mesma tendo em vista a sua gradual purificação para aproximar-se de Deus”. BORRIELLO, L. *Op. Cit.*, p. 261.

<sup>92</sup> *Idem.*

<sup>93</sup> Para uma compreensão da contemplação em Teresa de Jesus e João da Cruz, e são muitíssimas as obras, citamos apenas: HERRAIZ, M., Contemplação (B). In: *DM*, p. 266-269; SICARI, A.M., Teresa de Jesus. In: *DM*, p. 1013-1015, com intensa bibliografia de referência; VELASCO, J.M. *Op. Cit.* p. 393-403; Id. *Doze Místicos cristãos*. Experiência de fé e oração. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 114-153; PÁDUA, Lúcia. P. Espaços de transcendência: a integração dos espaços estético, ético, interpessoal e interior na experiência de Deus. In: BARROS, P.C., (ORG). *Op. Cit.* p. 141-161; Id. “Que lástima é não saber quem somos”: mística e antropologia no “Castelo Interior ou Moradas” de Santa Teresa de Ávila. In: *AT 22* (2006), p. 9-34.

<sup>94</sup> Cf. VELASCO, J. M. *Op. Cit.*, p. 360.

<sup>95</sup> Cf. *Ibid.* p. 361. Para uma compreensão da natureza do fenômeno da contemplação, na tradição cristã, o mesmo autor p. 362-370.

consciência e a ação humana, para uni-los para frente e para cima, na perspectiva da suprema síntese com Deus, ômega da evolução e da criação<sup>96</sup>.

Daí a insistência em recuperar, na vida espiritual, o gosto pela contemplação entendida como maravilhamento, admiração da fé diante do mistério transcendente de Deus Pai que se manifesta no Filho, por meio do Espírito. Em resumo, a contemplação é maravilhamento ativo, provocado pela escuta do Deus inefável.

A mística contemplativa é vivência espiritual que se propõe no termo da experiência espiritual da oração. De fato, a oração se inicia de modo discursivo e, na fase contemplativa, se conclui a ato simples, como realidade última de um processo de pneumatização, da parte do Espírito. O místico é renovado e movido para Deus e nele é totalmente recolhido, como que arrebatado e absorvido dentro da experiência da vida trinitária<sup>97</sup>,

É o silêncio eloquente contemplativo<sup>98</sup>, que não significa ausência de palavras ou de sons, mas plenitude da Palavra e da harmonia suprema, razão pela qual a contemplação é uma imersão na luminosidade da comunhão plena com o Deus Trindade de Amor.

### 2.1.2.

#### **Teologia da mística cristã: o mistério revelado em Jesus Cristo**

Sem dar uma definição específica, o israelita reconhece em relação com a divindade realidades que não compreende nem pode alcançar; se se referem à natureza, é enquanto criação de Deus. Exemplos: o reconhecimento que Deus tem do ser humano (cf. Sl 139,6); o mundo natural que Deus mostra a Jó (cf. Jó 38-39); sua santidade (cf. Pr 30,3); a sabedoria que governa o universo (cf. Jó 2,23-27); o desígnio histórico de Deus é mistério se ele não o revela (cf. Dt 29,28). Deus é um Deus escondido (cf. Is 45, 15); a nuvem denota uma

<sup>96</sup> Cf. BETTO, F.; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 45, afirma ainda: “Esta mística da unidade e da união é bem testemunhada pela vertente vigorosa que vem dos padres gregos (Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno), passa pela tradição platônico-agostiniana, chega em São Boaventura com o seu admirável Itinerário da mente para Deus, depois culmina com São João da Cruz e com Santa Teresa D’Ávila, até desembocar nos ardorosos textos místicos O meio divino e Ciência e Cristo, de Teilhard de Chardin”. *Idem*.

<sup>97</sup> Cf. BORRIELLO, L. Experiência mística. In: *DE*, p. 408.

<sup>98</sup> “No plano de sua comunicação, portanto, à experiência de Deus convém mais o silêncio que a palavra. Silêncio que acompanha a experiência e a compreensão íntima que dela se faz, sentindo-a de desfrutando-a, percebendo, enfim, a pobreza das palavras e dos conceitos para dela dar conta, calando-se para realmente possuí-la”. BINGEMER, M. C. L. *Op. Cit.* p. 64.

presença encobrendo-O. A natureza misteriosa de Deus é sugerida em símbolos (cf. Ex 34; 1Rs 19; Gn 32). No Novo Testamento o grego *mysterion* pode significar símbolo, segredo, mistério que se revela. Símbolo (cf. Ef 5,32; Ap 1,20; 17,7), como segredo que se comunica ou explica: nas parábolas do Reino (cf. Mt 13, 11). Mistério que se revela projeto secreto: antes escondido (cf. 1Cor 2,7; Ef 3,9) e agora revelado (cf. Ef 1,9; Cl 1,26). Seu conteúdo: O Evangelho (Ef 6,19). Em 1Tm 3,16 equivale a um prontuário ou credo de fé e da piedade<sup>99</sup>.

Na Boa Nova do NT o mistério de Cristo como Filho do Pai, como Filho do Homem, o Enviado, e quem enviará o Espírito, é o centro e a meta de toda mística cristã. Bem resume Juan Martín Velasco: “Jesus é o centro e o resumo do cristianismo e Ele é, segundo o texto de Cl 2,3, o mistério de Deus”<sup>100</sup>. Jesus é o mistério revelado por excelência porque toda a sua existência, toda a sua missão e todo o seu destino são manifestações da comunhão com o Pai no Espírito, no amor e na entrega mútuos<sup>101</sup>: “Quero que assim os seus corações sejam encorajados e, estreitamente unidos no amor, eles tenham acesso, em toda a sua riqueza, à plenitude do entendimento, ao conhecimento do mistério de Deus: Cristo” (Cl 2,2-3).

O mistério de Cristo irredutível ao contrário é o único e verdadeiro objeto da única mística a qual este nome pertence de direito: mística cristã. O mistério revelado em Jesus Cristo ilumina a sua vida e ilumina a vida dos homens e mulheres, que pela sua cruz estabelecida permanentemente presente mistério doador da vida, como prova da mística da doação. Experiência necessária, não de falimento do amor, mas sacrifício do Filho unigênito, passagem para a vida eterna, a vida divina através da morte aceita (cf. 1Cor 2,10-25; Rm 5,7-10)<sup>102</sup>.

Nos dois primeiros capítulos da Carta aos Efésios, Paulo destaca o amor extremo de Deus, que manifesta a revelação do mistério de Deus na auto doação de Jesus Cristo, na sabedoria que encerra e na que dá acesso à fé do místico, cujos olhos iluminam permitindo ver a profundidade, as riquezas, a

<sup>99</sup> Cf. Nota correspondente: Mistério. Bíblia do Peregrino, p. 3027; GERARDI, R. Mistério. In: *DTE*, p. 497-498; DERREY, N., Mistério. In: *DCT*, especificamente p. 1157-1158.

<sup>100</sup> VELASCO, J. M. Mistério. In: *DCFC*, p. 486.

<sup>101</sup> Cf. KAUFMANN, C. *Op. Cit.* p. 489.

<sup>102</sup> Cf. BOUYER, L. *Op. Cit.* p. 18; 150.

glória, a energia e o poder contidos neste mistério: destacam-se também os efeitos de reunião e unificação dos dispersos que realiza na morte de Jesus e que manifesta a vida da Igreja (cf. Ef 1-2). Ensinam-se também que a esta revelação do mistério escondido tem acesso, igualmente, todos os homens e mulheres mediante a pregação do Apóstolo<sup>103</sup>. Retomaremos o conceito de mistério em equação ao conceito de mística.

a)

### Traços característicos do místico cristão

A mística, na experiência e uso linguístico cristão, indica a amorosa e misteriosa comunhão da pessoa cristã com Deus, que causa na alma um especial conhecimento. Daqui um primeiro traço que define a mística. Não obstante em si, isto é, acerca do objeto, o místico nada sabe de Deus que o teólogo não possa conhecer com a sua indagação especulativa, todavia na prática ele possui mistérios divinos, um conhecimento mais íntimo e profundo, que não tem os demais fiéis. Percebe, isto é, o sentido do mistério, da infinita transcendência de Deus<sup>104</sup>, embora permaneça sob o véu da fé, mesmo que ainda se rarefeito e misterioso, depois as terríveis experiências que teve que atravessar. De acordo com experiências de São João da Cruz, a “noite” não é uma fase de itinerário do ser humano para Deus, é sim um elemento estrutural de toda relação que o ser humano pode manter com Ele mesmo e também

<sup>103</sup> É Deus mesmo, e seu desejo de revelar-se ao homem no Filho, regenerando-o pela doação do Espírito, o conteúdo por excelência do mistério cristão. Em diversos lugares de suas cartas, Paulo introduz o termo mistério para indicar o desígnio salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo – em sua morte e ressurreição – e agora anunciado na pregação do Evangelho pelos apóstolos e realizado na comunhão no destino de Jesus Cristo pela regeneração do batismo e a participação eucarística em seu corpo (cf. 1Cor 2,1;2,7; Rm 16,25-26; Cl 1,24; 3,3; Ef 1,3) explicitam o denso conteúdo destas fórmulas que resumem todo o cristianismo. VELASCO, J. M. Mistério. In: *DCFC*, p. 485-486.

<sup>104</sup> Em síntese, como descreve as teólogas Ivone Gebara e Maria C. L. Bingemer: “A transcendência não é sinônimo de vivência superior, ou extraterrena, ou para além da história, ou ainda, transcendência não é ruptura do curso dinâmico da história. A transcendência de Deus se manifesta na sua criatura. Somos nós, na nossa relatividade histórica, no nosso limite e fragilidade, que captamos a existência da transcendência, que falamos dela, que a exprimimos. Ela está em nós, na capacidade de ultrapassar-se a si próprio, que possui o ser humano, embora nem sempre a exerça, e nem sempre permita que ela aflore nos acontecimentos da História”. GEBARA, I.; BINGEMER, M.C.L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.15.

próprio da experiência mística. O místico é um ser pleno de experiência de fé<sup>105</sup>.

A razão pela qual o místico possui um conhecimento mais profundo dos mistérios divinos se encontra no fato que ele tem uma particular experiência de Deus<sup>106</sup>. Eis um segundo traço que caracteriza a vida mística: a percepção é quase experimental e direta de Deus presente. A razão pela qual o místico tem um contato e um gosto espiritual de Deus depende do fato que Deus mesmo infunde na pessoa uma especial moção, mediante a qual a sua vontade humana vem a Deus intimamente unida e o ser iluminado e tornado capaz de perceber a inefável presença da graça divina. Daqui compreendemos uma terceira característica componente da vida mística: se trata de uma experiência, na qual a pessoa se sente inteiramente tomada sob a *moção* especial do Espírito Santo<sup>107</sup>.

Nos relatos de experiências místicas, desde o primeiro momento em que o místico abre os olhos místicos, compreende a consciência de saber a verdadeira realidade experimentada. Há uma consciência de ter tocado o mais profundo, manifesta a verdadeira realidade mística, acompanha um traço característico de certeza, segurança que desafia toda dúvida em relação ao que acaba de vivenciar, indescritível com palavras<sup>108</sup>.

O místico cristão possui uma abertura ao mistério que caracteriza a postura básica do respeito diante da verdade abrangente de Deus. Há uma dinâmica da abertura para o novo, para o diferente, para o ser divino sempre maior para além do mesmo. A abertura ao mistério de Deus é um traço característico essencial do místico, caracteriza essencialmente toda verdadeira mística, critério para a autenticidade da experiência fundamental, impossível de ser entendida pelos parâmetros da lógica<sup>109</sup>.

Em abertura entregue ao mais profundo, a experiência mística está envolvida pela realidade do Deus vivo que permanece mistério, mas mistério

<sup>105</sup> VELASCO, J.M. *Op. Cit.* p.355.

<sup>106</sup> “A experiência de Deus aparece, pois, como a grande via por onde pode passar o ansiado diálogo do cristianismo não só com o mundo moderno, mas também com as outras tradições religiosas”. BINGEMER, M. C. L. *Alteridade e Vulnerabilidade*. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993, p. 14.

<sup>107</sup> Cf. ANCILLI, E. *Op. Cit.* p. 24-25; DEL GENIO, M.R. *Mística* (notas históricas). In.: *DM*, p. 706-707.

<sup>108</sup> Cf. VELASCO, J.M. *Ibid.*, p. 351-352.

<sup>109</sup> Cf. SUDBRACK, J. *Op. Cit.*, p. 75-77.

próximo do místico conduzido pelo mesmo mistério feito carne ao seu seguimento.

**b)**

### **Mística e mistério do Deus cristão: dados fundantes**

O mistério de toda a realidade, a que se abre o místico e que se abre ao místico é, na revelação veterotestamentária, o mistério do Deus vivo de Abraão, Isaac e Jacó, ciosamente preservado pelo profetismo israelita de todo politeísmo idólatra e de todo panteísmo místico<sup>110</sup>. O monoteísmo profético, específico de Israel, acaba revelando-se como monoteísmo trinitário (que nada mais é do que a explicitação do “Deus vivo” veterotestamentário), no qual se unificam a ultimidade e o concreto, o universal e o individual, o Próprio-Ser e sua manifestação na pessoa histórica, individual, de Jesus, como o Cristo<sup>111</sup>.

Mistério é o conceito central na linguagem religiosa e cristã. K. Rahner chegou a dizer dele que é um dos termos-chave do cristianismo e de sua teologia. Assumindo o risco de certa simplicificação, podemos afirmar, seguindo o estudo de Juan Martín Velasco, os contextos em que aparece a utilização religiosa e teológica do termo mistério. O da fenomenologia da religião, o da história das religiões, o de uma teologia fundamental e sistemática que se preocupa principalmente com os aspectos epistemológicos do conhecimento de Deus e com a aceitação de sua revelação e com uma teologia mais próxima da Escritura e das tradições religiosas, que pretende estabelecer a compreensão do cristianismo com base em renovada interpretação do fato cristão centrado na descrição deste como atualização na vida da Igreja da revelação do mistério de Deus em Jesus Cristo<sup>112</sup>.

Paulo<sup>113</sup> usa o termo *mysterion* para significar o plano de salvação de Deus Pai escondido desde todos os séculos, realizado e revelado no acontecimento da cruz-ressurreição do Filho e conhecido e vivido pela força do

<sup>110</sup> “O perigo do panteísmo não existiu de forma séria, enquanto foi claramente distinguido entre o infinito do espaço e o infinito de Deus, respectivamente entre o conceito qualitativo e o conceito quantitativo do infinito”. MOLTSMANN, J. *Deus na criação*. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 231.

<sup>111</sup> Cf. GUERRA, S. *Op. Cit.*, p.577.

<sup>112</sup> Cf. VELASCO, J. M. Mistério. In: *DCFC*, p. 484-488.

<sup>113</sup> No Novo Testamento o uso do termo *mysterion* é basicamente desenvolvido pela teologia paulina (cf. 2Ts 2,7; 1Cor 2,1-2). Para uma exposição do uso do termo *mysterion* no NT, especificamente em São Paulo: BOUYER, L. *Op. Cit.* p. 15-31.

Espírito vivificante (cf. Cl 1,26; 1Cor 2,7; Ef 1,9; 3,9; 5,32)<sup>114</sup>. Para Paulo é decisivo o mistério de Deus, o mistério de Cristo, o mistério do Evangelho, o mistério da fé, que é juntamente o mistério da piedade (cf. 1Cor 4,1; Col 2,2s; Ef 1,7ss; 1Tm 3,9.16)<sup>115</sup>.

A mística da primeira comunidade apostólica, a Igreja primitiva, se compreende essencialmente cristocêntrica; essa é a sua primeira e fundamental característica. Fundamental para toda a mística posterior. Em segundo lugar, a mística cristã primitiva é escatológica. Esperando um retorno iminente de Cristo, os fieis se concentram numa vigilante preparação para a parusia. Terceiro: a mística cristã primitiva é ascética, no significado original desse termo, ou seja, prática constante da virtude. A primeira comunidade cristã dedica-se, sobretudo, à prática da caridade fraterna, da humildade, da paciência, da perseverança. Todo cristão procura levar uma vida virtuosa, no seguimento de Cristo, e nos tempos de perseguição a mais alta manifestação de santidade é o martírio. A quarta característica da mística cristã dos primeiros tempos pode ser definida como litúrgica. O ponto focal da vida litúrgica é a Eucaristia. Enfim, a mística da primeira Igreja é comunitária; ou seja, a vida comum era um elemento essencial, como sabemos pelo testemunho dos Atos de Apóstolos (At 2,42-47 e 4, 32-35)<sup>116</sup>.

Na Igreja antiga o mistério constitui a chave principal para expressar a fé cristã. Mistério designa o plano eterno de Deus de salvação dos filhos e filhas de Deus e de libertação da criação, em realização desde o princípio do mundo, prefigurado nas religiões, mais densamente articulado no Antigo Testamento, plenamente concretizado em Jesus Cristo e tornado presente no tempo pela Igreja mediante a palavra, os sinais sacramentais, as celebrações litúrgicas e a prática fé cristã<sup>117</sup>.

<sup>114</sup> Cf. *Ibid.* p. 486. “O segredo escondido é o destino do Messias para todo ser humano. Sua revelação não é simples informação, e sim riqueza concedida e partilhada. Para Paulo o grande mistério – projeto fundamental do Pai – é Jesus, escondido desde sempre e somente revelado agora à Igreja pelos apóstolos (1Cor 2,6-16; Ef 3; Cl 1,26-29)”. BOFF, L. Introdução. Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação. In.: ECKHART, Mestre. *O livro da Divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 15.

<sup>115</sup> Cf. FISCHER, H., Mística. In: *SM*, p. 729-730.

<sup>116</sup> Cf. AUMANN, J. Síntese histórica da experiência espiritual católica. In.: GOFFI, T.; SECONDIN, B. *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 70-71.

<sup>117</sup> Esclarecendo: “Este mistério possui essencialmente uma dimensão cósmica (*mystérion Kosmikón*) pois pervade toda a criação e ordena tudo para culminar em Cristo e no Espírito e

Na patrística encontramos com muita frequência, o adjetivo *mystikós*, sempre relacionado com o *mysterion* paulino, designando doutrina ou experiência religiosa. Encontramos três sentidos do termo na patrística: o bíblico, como conteúdo e significado profundo e autêntico da Sagrada Escritura<sup>118</sup> inteira lida a partir do NT: a realidade divina de Cristo; o sentido litúrgico, onde místico designa a realidade sacramental, especialmente a Eucaristia, em seu nível profundo – o próprio Cristo por trás do véu do sacramento que simultaneamente o torna presente e o oculta e o sentido espiritual, onde místico designa conhecimento experimental, imediato, interno das realidades divinas<sup>119</sup>.

O conceito mistério contém densidade de significados e riqueza de conotações que faz dele uma categoria particularmente apta para servir de eixo ou de centro que articule os quase inumeráveis aspectos da fé cristã. O mistério de Deus, realidade inacessível ao ser humano, aproxima pela experiência mística, voltada para ele no dinamismo da comunhão de sua essência, na generosidade de seu amor criador, superabundância de seu desígnio salvífico e comunicação de si mesmo ao ser humano como doação do Espírito<sup>120</sup>.

A mística cristã é compreendida nos primeiros séculos como unidade de mistério objetivo com experiência do Mistério; e este mistério é o trinitário tal como foi revelado em Cristo na plenitude do tempo, isto é, a Trindade econômica<sup>121</sup>. Ao longo da história da Igreja, a compreensão desta unidade vai

---

finalmente desembocar no Pai. Mística e místico é tudo o que se refere a este mistério. Em outras palavras, as realidades profanas e sagradas se fazem sacramentos e mistérios na medida em que deixam transparecer o Mistério (o plano divino) a que servem. Mística é aquela pessoa que consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva”. BOFF, L. *Op. Cit.* p. 15.

<sup>118</sup> “Que deve ser como que a alma de toda a teologia” (OT 16).

<sup>119</sup> Esta primeira Igreja era litúrgica e carismática, mais que ‘institucional’, embora já houvesse uma estrutura hierárquica; não havia, porém, tensões entre os aspectos carismático e o hierárquico. Não havia formas de vida diferentes da ‘vida apostólica’ descrita nos Atos dos Apóstolos. Cf. AUMANN, J. *Op. Cit.* p. 70.

<sup>120</sup> Cf. VELASCO, J. M. Mistério. In: *DCFC*, p. 487.

<sup>121</sup> Uma sistematização teológica do conceito de Trindade econômica e economia salvífica: MIRANDA, M. F. *O mistério de Deus em nossa vida*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 67-145. Escreve Velasco: “Este mistério de Deus se revelou, sem perder sua condição misteriosa na vida (mistérios da vida de Jesus), na morte e na ressurreição (mistério pascal) de Jesus Cristo, em quem nós, homens, temos acesso aos mistérios do Reino” VELASCO, M. Mistério. In: *DCFC*, p. 487.

sendo rompida e, além do mais, a balança se vai inclinando progressivamente para a experiência subjetiva do que para propriamente místico<sup>122</sup>.

Dogma e vida cristã afinam seus perfis e começam a movimentar-se em zonas diferentes: a mística vai pouco a pouco deixando de ser explicitamente na vida da comunidade eclesial ou do crente enquanto inserção na ação transformadora do Espírito Santo, partindo do que há de mais íntimo no ser humano e convertendo-se em realidade apagada e sem relação com seu caráter pneumático-trinitário<sup>123</sup>.

O mistério de Deus, como objeto da ciência teológica, fica desconcertante em discurso racional que pretende a objetividade do conhecimento diante de qualquer ‘falsificação’ subjetiva, e o conceito claro, lógico e preciso diante dos vagos e indefinidos conhecimentos e linguagem simbólicos<sup>124</sup>. Estamos diante do triunfo do racionalismo aristotélico no sistema filosófico-teológico tomista. Quando se perdem a relação intrínseca entre conhecimento e amor como dois momentos internos que se condicionam mutuamente, e se esclerosam a linguagem simbólica da Sagrada Escritura e o conhecimento simbólico, integrante e que fala ao ser humano inteiro, ao reduzir seu conteúdo a conceitos lógico-metafísicos<sup>125</sup>.

A ciência teológica como tal deixa de ser espiritual e acaba produzindo, depois das grandes sínteses da alta escolástica, em que de alguma forma ainda se mantém a unidade entre reflexão teológica e experiência cristã, o divórcio entre “teologia sentada e teologia ajoelhada”<sup>126</sup> e entre teologia e mística<sup>127</sup>.

<sup>122</sup> Cf. CAVALCANTE, R. *Op. Cit.* p. 105-117;132-143: “A mística de Santo Inácio está mesclada com o tema da unidade. A unidade dos cristãos com Cristo se traduz pela unidade dos cristãos entre si, unidade da Igreja. A unidade dos cristãos entre si e com Cristo encontra sua expressão, ao mesmo tempo que seu alimento, na Eucaristia, sacramento da unidade”. Para uma síntese da mística patristica: p. 201-203; 297-299.

<sup>123</sup> Cf. GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 579.

<sup>124</sup> “O simbólico é a linguagem básica da experiência religiosa, pois ela funda todas as outras. Tem um valor essencial que é necessário destacar mais uma vez: o símbolo faz pensar; o símbolo diz sempre mais do que que diz. É a linguagem do profundo, da intuição, do enigma. Por isso, é a linguagem dos sonhos, da poesia, do amor, da experiência religiosa”. PÁDUA, L.P., *O humano e o fenômeno religioso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010, p. 95.

<sup>125</sup> Cf. GUERRA, S. *Ibid.*, p. 579.

<sup>126</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Ensayos teológicos*. *Apud.*, GUERRA, S., *Ibid.*, p. 585.

<sup>127</sup> F. VANDENBROUCKE, *Le divorce entre théologie et mystique, ses origines*. *Apud.*, GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 578. Este autor ainda acrescenta: “A separação entre teologia e espiritualidade dá lugar ao aparecimento e à proliferação mais ou menos na mesma época das ‘devoções’ privadas, desligadas do tronco teológico e a inclinações e desvios para o sentimentalismo. A separação entre Trindade imanente e econômica na teologia anterior; unida à separação entre teologia e espiritualidade na escolástica, leva a uma tradução intimista do mistério salvífico, tanto na corrente mística quanto na ‘imitação de Cristo’; vale como exemplo

A afirmação de um autor de meados do século XV de que a teologia escolástica e a teologia mística têm tão pouco em comum quanto à arte de pintar e à arte de sapateiro diz bastante do grau de ruptura a que haviam chegado teologia e experiência. O intuito de união entre escolástica e mística no mestre Eckhart termina em condenação oficial da segunda, com base na máquina doutrinal da primeira, que prossegue nos séculos posteriores considerando-se o tribunal inapelável, frequentemente anatematizador das experiências místicas, sem permitir que estas tragam algo para revisão do próprio corpo doutrinal.

Com o renascimento começa a virada total do objetivo teocêntrico medieval para o antropocentrismo, que será elevado a sistema em Descartes<sup>128</sup> e culminará na filosofia kantiana<sup>129</sup>. Maria Clara L. Bingemer, a propósito do nosso tema, neste contexto, aqui refletido, respeito da suposta vontade emancipatória do ser humano, com indícios já na Idade Média, escreve:

Antropocêntrico por configuração sociocultural, o homem moderno acaba por considerar-se tal – por que não dizê-lo? – ‘por essência’ e, em sua caminhada rumo à perfectibilidade nunca perfeita do progresso, divorciou-se da natureza e da sua relação com o meio ambiente, provocando o que hoje se sente como ameaça de catástrofe sobre todo o planeta. E o risco iminente e tristemente real da destruição dos ecossistemas tem como seu fundo mais profundo o fracasso de um modelo e um paradigma que ignoram a natureza e pensam o ser humano como ser isolado e não enquanto parte de um conjunto maior<sup>130</sup>.

À primazia e à exclusividade prática do *mysterion* objetivo de Deus em Cristo na mística dos primeiros séculos e posteriormente une, a atração pela

---

da primeira a mudança da ‘Igreja esposa’ pela ‘alma esposa’, e da segunda a ‘da’ cruz de Cristo pela ‘minha’ cruz”, p. 579.

<sup>128</sup> “O inveterado antropocentrismo, que tem caracterizado em larga escala a civilização ocidental durante os últimos séculos, se revela, entre outras coisas, na pressuposição da existência de ‘pessoas’ e ‘coisas’ apenas. Esta rígida divisão, aparentemente clara e distinta, reflete a cosmovisão moderna que separa a realidade em ‘sujeitos’ e ‘objetos’. Segundo esta configuração epistemológica, sujeito mesmo é, a rigor, apenas o próprio indivíduo considerado em si mesmo: Cogito, ergo sum! (Descartes). Todo o resto, inclusive os demais indivíduos, é sistematicamente reduzido à condição de meros ‘objetos’. Esta é a fatalidade do nosso paradigma civilizacional moderno”. TAVARES, S.S. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 256.

<sup>129</sup> Vejamos: “O idealismo cartesiano-kantiano, que separa o conhecimento próprio do objeto do conhecimento, teve sua tradução na redução psicológica da mística, entendida como puro fenômeno de consciência. A aplicação do termo ‘mística’ à experiência espiritual própria das religiões orientais contribuiu ainda mais para esta noção; ‘mística’ e ‘alargamento da consciência’ além de seu nível empírico racional são equivalentes. Estamos nos antípodas da mais antiga noção de mística na Igreja” GUERRA, S. *Op. Cit.*, p.580.

<sup>130</sup> BINGEMER, M. C. L. *Op. Cit.* p. 19, com apurada referência bibliográfica. Também, p. 44.

interioridade como experiência consciente. Neste tempo aparece pela primeira vez o substantivo ‘mística’ para assinalar mais a experiência interior do que o mistério experimentado, e tende a substituir o termo ‘contemplação’, que se refere à relação direta com a submersão na realidade objetiva de Deus.

## 2.2.

### **Desdobramentos teológicos dos elementos conceituais de Mística**

É um dado constante, na história das grandes religiões, a experiência espiritual profunda e fenômenos psicossomáticos extraordinários. Aqueles e aquelas que experimentam estes estados interiores declaram gozar uma felicidade sobre-humana, iluminações e sentimentos inefáveis. Os homens e mulheres que vivem estas singulares experiências são catalogados pela literatura religiosa sob o nome de ‘místicos’. A mística vem, portanto situada historicamente no campo do maravilhoso e do inefável, do extraordinário e do misterioso<sup>131</sup>.

A mística não se aprisiona em confissões e, portanto sempre escapará a toda conceituação que se pretenda fechada, estreita, determinada e acabada. Ela perpassa todas as religiões. É a irrupção de Deus maravilhoso, o Deus da vida dentro da vida humana. Deus está sempre para além de todas as religiões. Ele se comunica a todos e todas e se deixa encontrar por todos e todas que O procuram<sup>132</sup>. Nenhum conceito pode prescindir do fato bíblico da experiência radical do discípulo *Pedro*: “Senhor, a quem iríamos? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Uma exclamação profunda na profissão de fé como faz *Tomé*: “Meu Senhor e Meu Deus!” (Jo 20, 38). Agora nos interessa encaminhar e nos envolver no propósito de conceituar os elementos históricos e teológicos da mística.

#### 2.2.1.

##### **Em busca do conceito de mística**

É difícil compreender numa definição geral os múltiplos significados do termo *mystikós*. Entendido no seu sentido mais amplo quer o termo designar

<sup>131</sup> Cf. ANCILLI, E. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>132</sup> Cf. BOFF, L. Introdução. *Mestre Eckhart. Op. Cit.*, p.11.

realidades secretas de não imediata compreensão ou comunicação, e que pertencem, sem dúvida, à ordem religiosa ou moral. O adjetivo *mystikós* tem sua origem etimológica na raiz grega do verbo *myō*<sup>133</sup>: ‘fechar os olhos ou a boca’ (os olhos para não ver o que é secreto, a boca para não revelar nada). O significado originário da expressão se deve buscar na antiguidade helenística, quando assume um significado religioso e designa um segredo de caráter sagrado. Para os antigos é místico o que se refere aos *mystérion*, e os mistérios eram cerimônias religiosas secretas<sup>134</sup>. Em segundo lugar, deriva *mysteriasmós*, que significa a iniciação do *mystes* (iniciado) no mistério<sup>135</sup>.

Significa iniciar-se nos mistérios; o *mystês* era o iniciado nos mistérios. Na tradição cristã, entende-se com isso o mistério ou os mistérios da fé, de modo que neles se deva inserir uma mística como experiência de fé. Trata-se de um conceito decisivamente na área do religioso. Trata-se manifestamente de fenômeno no qual se articulam necessidades religiosas. Delimitando-se a necessidade religiosa de outras necessidades espirituais, enquanto necessidade de sentido ou enquanto resposta à pergunta de onde vem e para onde vai o ser humano, mística é, então a maneira de fazer com que este sentido tome forma como experiência ou que a pessoa fique próxima a ele de maneira perceptível<sup>136</sup>.

Em sentido mais restrito, mística é o conceito que abrange os fenômenos religiosos: visões, êxtase e profecias, como também ascetes especiais ou estilo de vida extraordinário, como já acenamos. Nas fronteiras entre o acessível e o extraordinário, acha-se o fenômeno da contemplação ou da *theoría* grega, a visão que, na verdade, ultrapassa as formas da meditação

<sup>133</sup> “Este verbo significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior. Daí se deriva, sobretudo o tipo de mística do mergulho no divino”. MIETH, D., *Mística*. In.: *DCFT*, p. 564.

<sup>134</sup> Cf. ANCILLI, E. *Op. Cit.* p. 17-18. “Seu uso pré-cristão conserva relação com as celebrações rituais das religiões místicas, cerimônias secretas de iniciação fechadas aos não iniciados, e nas quais o *mystes* recebia ensinamento que não podia comunicar a ninguém. Assim, na sua origem, o termo *mystikós* traz consigo a ideia de realidade secreta e acessível somente a uma minoria”. GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 574.

<sup>135</sup> Cf. BORRIELLO, L. *Experiência mística*. In: *DM*, 399. “A palavra mística é adjetivo de mistério. Mistério possui muitos sentidos, vários pejorativos. Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer “o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado”. BETTO,; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 33.

<sup>136</sup> Cf. MIETH, D. *Op. Cit.* p. 564.

comum, mas tem a sua natureza em auto-experiência em que paradoxalmente ocorre ao mesmo tempo unidade e dualidade, entre o ser humano e Deus. O mais disseminado é o sentido literário-histórico de mística. Fala-se de épocas místicas da literatura religiosa, seja frisando os pontos altos de uma religião (do judaísmo, do islamismo, do budismo, do hinduísmo, etc.), seja enfatizando os pontos altos da experiência religiosa no cristianismo: a mística dos padres, a mística alemã, inglesa, espanhola, entre outras<sup>137</sup>.

### 2.2.2.

#### Precisões fundamentais

Caracteriza a mística, em primeiro lugar, a intensidade da expressão da necessidade religiosa no pensamento e sentimento, na vivência e no estilo de vida. Continua sendo discutido se esta intensidade distingue-se só gradualmente de outras articulações da necessidade religiosa ou representa um fenômeno excepcional só acessível a poucos. Mística é em princípio acessível a qualquer pessoa; são necessários critérios<sup>138</sup> especiais para que se possam caracterizar experiências e vivências religiosas como místicas, ainda temos oportunidade de refletir esta questão mais adiante.

Abordamos esta experiência mística precisamente a maneira imediata, a situação, a prova, o ato graças aos quais se chega a apreender o que se objetiva; ou ainda, indica o resultado, o conhecimento ou o conjunto dos dados adquiridos graças à própria prova. Em outras palavras, experiência mística indica o agir, o viver em sua realização concreta. Essa experiência diz respeito a um conhecer que não deriva principalmente do pensamento discursivo, e sim do fato de experimentar imediatamente uma impressão ou uma vivência. O elemento de que se faz experiência pode chegar ao sujeito tanto vindo de fora como vindo do interior da consciência.

---

<sup>137</sup> Cf. *Ibid.* p. 564. “Tanto no paganismo quanto na própria Igreja cristã, até o século XVII, o termo místico foi somente um adjetivo que qualificava um substantivo. No século XVII aparecerá pela primeira vez o substantivo mística, e, com esta expressão, se assinalará diretamente determinada experiência interior. Desde então até nossos dias este aspecto experiencial subjetivo ou psicológico ocupará o primeiro plano ao se falar de mística”. GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 574

<sup>138</sup> Dietmar Mieth ainda afirma: “O critério é a mudança operada no homem, a qual se mostra no seu comportamento prático” MIETH, D. *Op. Cit.* p. 569.

De modo especial o conteúdo da experiência mística é a realidade que, mesmo em sua transcendência e inefabilidade, é sentida pelo ser humano como fundamento, centro e fim da própria existência; é o valor ou bem supremo que dá sentido e orientação às decisões da pessoa. Por certo, o divino, como realidade que se oferece à experiência humana, esconde-se no exato momento em que se revela; escapa sempre da ‘captura’ por parte da pessoa. A experiência mística do divino, como é mais que qualquer outra forma de experiência, é sempre mais rica do que qualquer tentativa de exprimi-la; pode ser evocada, narrada, expressa por meio de símbolos, mas, em definitivo, nunca totalmente reproduzida<sup>139</sup>.

### 2.2.3.

#### Natureza dinâmica da mística

O uso mais tradicional do termo mística tem por objeto aquele que se chama “o sentido místico da Escritura”. Este se opõe ao sentido literal e direto do texto, e o transcende. O chama normalmente no sentido espiritual, figurativo, simbólico<sup>140</sup>. Pode acontecer que o sentido direto e imediato do texto inspirado tenha um sentido simbólico, não velado por algum sentido histórico. O que o hagiógrafo<sup>141</sup> quer fazer compreender é exclusivamente aquele que ele exprime em alegoria, em parábola, em comparação ou metáfora. Assim se dirá muitas vezes que o Apocalipse é um livro místico, porque é escrito com símbolos. Assim São Paulo ensina que os fiéis são os membros de

<sup>139</sup> Cf. SALVATI, G. M., *Experiência*. *Op. Cit.* p. 281-282.

<sup>140</sup> É a mística que sabe estabelecer uma contínua referência ao sistema simbólico da fé. É ela a guardiã e a promotora das utopias de determinado grupo. Por isso, é preciso sobretudo conhecê-la para conseguir uma aproximação da verdadeira identidade que representa. Cf. CAVACA, O., *Em busca da identidade franciscana*. In.: *ESTEF* 19 (1997), p. 41.

<sup>141</sup> “A diferença entre biografia e hagiografia está exatamente no enfoque, nos elementos que cada uma privilegia e apresenta como relevantes. A biografia descreve a vida de um personagem dentro de seu contexto histórico, ocupa-se com seu desenvolvimento humano e mostra a interação dele com toda uma rede de relações. A hagiografia não se preocupa primeiramente com o aspecto humano e histórico, mas com o caminho de santidade percorrido pelo personagem, com a evolução da graça na vida dele. E quando ocasionalmente toca o humano, o faz na ótica da graça. Por exemplo, um biógrafo descreveria com mais detalhe a doença de Francisco (cf. 1Cel3), as causas, as circunstâncias em que foi contraída, sua duração, seus efeitos, etc. O hagiógrafo não se preocupa com esses elementos, mas a vê apenas como o meio da graça para conduzir a Deus o coração de Francisco”. TEIXEIRA, C.M., *Francisco de Assis: o homem e seu mundo*. In: MOREIRA, A. S. *São Francisco e as Fontes Franciscanas*. Bragança Paulista: IFAN, 2007, p.14.

um organismo do qual o Salvador é a cabeça: é o que se chama ‘corpo místico’<sup>142</sup>.

É próprio da natureza e dinâmica da mística, estabelecer um código de compreensão, mediante a experiência da união extática do ser humano sob a presença do Sagrado como a única via para superar o esquema objetivante, que converte Deus em objeto diante do sujeito ser humano; e lembra à teologia que, precedendo Deus à estrutura mental sujeito-objeto, deve incluir em seu discurso sobre Deus o reconhecimento explícito de que não pode fazer de Deus objeto<sup>143</sup>.

O estado místico, em sua essência, consiste numa vibração espiritual que comove o espírito de alto a baixo, numa aspiração a transcender toda preocupação conceitual para atingir o divino através do conhecimento e do amor. Assim, o divino penetra o mais íntimo da pessoa, transformando a personalidade em seu modo de pensar, agir e sentir.

Para atingir esta união que o transforma, o místico deve percorrer muitas etapas, algumas das quais exigindo dele um grande esforço de ascese. Se de um lado é verdade que a vida mística tem momentos de alegria incomparáveis, de outro lado também é certo que pode ser acompanhada de fenômenos inquietantes e mesmo perturbadores. Necessário se faz distinguir na vida mística verificável por um método, o que faz parte do elã de atingir o divino e o que deve ser considerado como preço pago pela fragilidade da natureza humana<sup>144</sup>.

#### **2.2.4.**

#### **O método da mística**

Partimos do princípio que a experiência mística é real, sentida e experimentada. Sendo a mística uma experiência da presença divina sobre o ser humano, esta pode ser estudada sob diversos aspectos. Enquanto experiência humana entra no campo da psicologia e da filosofia; enquanto efeito do influxo

<sup>142</sup> Cf. ANCILLI, E., *La mística. Op. Cit.* p. 18.

<sup>143</sup> Cf. GUERRA, S. *Mística. Op. Cit.*, p. 577.

<sup>144</sup> Cf. LHERMITTE, J., *Mystiques et faux mystiques*. Paris: Blud, Gay, 1952, p. 254; ZAVALLONI, R., *A personalidade de Francisco de Assis. Op. Cit.* p. 146-147.

divino e referindo-se a Deus, como seu objeto, vem estudado pela teologia. É necessário, todavia salientar sobre o caráter complementar de tais estudos.

A teologia não poderia, sem graves inconvenientes, ignorar as descrições psicológicas, e a psicologia correria o risco de cair em grave erro não levando em consideração a doutrina teológica. Passaremos a analisar a indicação sobre a doutrina teológica<sup>145</sup>.

A teologia, para estudar os fenômenos místicos, parte da doutrina da graça, dos dons. Transformado em virtude do batismo em uma nova criatura, e tendo em si as Pessoas divinas como causa e como objeto de conhecimento e de amor, o cristão é ordenado a uma participação sempre mais completa à vida trinitária<sup>146</sup>. É absolutamente normal que o influxo divino se faça perceber e que as três pessoas manifestem mais explicitamente a presença, não somente na oração, mas também na vida cotidiana.

Em Jesus se realiza o método e o projeto de Deus. Ele é o anúncio querigmático de todo o processo de iniciação mística na fé cristã. Através de suas atitudes e ensinamentos, é o mestre e educador por excelência, entregue à missão de anunciar a todos a possibilidade do ser humano novo, como Filho de Deus, irmão de todos, admirador e co-Criador da natureza e de uma fraternidade nova, com as características do Reino de Deus, em que se promove a vida, a fraternidade, a paz e o bem do amor<sup>147</sup>.

Com Jesus a experiência mística se converte em mistagogia que pode ser percebida em todas as suas dimensões. No mistério de Deus que se revela à

<sup>145</sup> Para esta análise: cf. ANCILLI, E., *La mística. Op. Cit.* p. 36-39. A indicação psicológica indica dificuldades: as experiências místicas não se produzem sobre ordenações que poderiam ser provocadas artificialmente, porque dependem da livre iniciativa de Deus. O trabalho da psicologia será colocar junto o mais possível as diversas descrições feitas pelos místicos sobre as suas experiências, examinar o valor e comparar para discernir algumas constantes que se encontram nas experiências e classificar e confrontar, a psicologia chegará a distinguir o que é secundário (arrobatamento, estigmas, etc.) do que é essencial. A contribuição filosófica é estudar os fenômenos místicos como casos particulares de experiência religiosa e somente admitindo um Deus pessoal e transcendente se poderá resolver todos os problemas que são colocados pela mística. Consideramos que é necessário levar em consideração que o fenômeno místico no seu conjunto não pode ser nem uma ilusão patológica (psicológica), nem uma experiência de natureza panteísta (filosófica). Cf. p. 37-38.

<sup>146</sup> Expressão da comunhão de três divinas pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito. Deus não é solidão. Elas são coexistentes e convivem eternamente sem nenhuma hierarquia. Se são distintas é para poderem propiciar a autodoação e a comunhão entre elas. O entrelaçamento entre elas (pericórese, em linguagem teológica) de vida e de amor é de tal profundidade e radicalidade que elas se unificam (ficam unidas) e constituem um único Deus. Cf. BETTO, F.; BOFF, L., *Mística e espiritualidade. Op. Cit.* 46.

<sup>147</sup> Cf. JAEGER, W., *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. Lisboa: Edições 70, 1961, p.84-89; CNBB. Educação, Igreja e Sociedade. Doc. 47, n. 84-87, São Paulo: Paulinas, 1992.

humanidade, em especial aos pequeninos: “Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos” (Mt 11,25)<sup>148</sup>. Ele se faz um conosco, entra na história e, a partir de dentro, de seu núcleo conduz a seu sentido pleno. Nele, toda a humanidade é convidada à abertura existencial que conduz cada um e todos à salvação. É o mistério pascal que tem seu centro vital em Jesus Cristo.

A teóloga Lina Boff, expressa a profunda integração entre o Mistério de Cristo e o mistério de todo ser humano, que nos faz compreender esta centralidade de Jesus como o grande mistagogo:

O amor de Deus é manifestado plenamente no mistério da vida-paixão-morte-ressurreição de Jesus, e da vida-paixão-morte-ressurreição de cada pessoa humana que acolhe Jesus e sua missão salvadora, como Palavra encarnada do Pai e, assim, recebe a legitimidade da filiação divina (cf. Jo 1,12). O mistério de Jesus Salvador e o mistério da pessoa humana apresentam-se como dois momentos de um único evento, enquanto sinal do verdadeiro e pleno destino da pessoa humana. Sem fatalismos, o mistério de Jesus Salvador, no mistério do ser humano com sua consciência de história salvífica, revela a concretude da libertação do mal e realiza a história temporal naquilo que ela tem de bom e santo, libertação que se torna História da salvação concreta, para a humanidade e toda a criação que espera por esta libertação (cf. Rm 8,18-19)<sup>149</sup>.

O Mestre que propõe um método: explícito na missão dos doze (cf. Mc 3,16-19; Lc 6,14-16; Mt 10, 1-15); “Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16,24) e ainda: “Se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos... “se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,17.21).

A teologia utiliza muitas vezes as conclusões da psicologia para seguir a evolução da graça do início à plena revelação. O objetivo deste estudo é duplo: conhecer e dirigir; os dois são importantes. O conhecimento, neste caso, tem por objeto o que é essencial à vida cristã: as virtualidades da graça aparecem em todo o seu esplendor nos místicos; o estudo do seu testemunho será de particular ajuda para penetrar o sentido dos textos bíblicos concernentes ao estado da pessoa cristã. O outro fim é prático, é a direção mistagógica, que

<sup>148</sup> Os pequeninos são os discípulos (cf. Mt 10,42), a quem são reveladas estas coisas (cf. Dn 2,29), isto é, o mistério do Reino dos céus (cf. Mt 13,11). Cf. NEUTZLING, I. O Reino de Deus e os pobres. São Paulo: Loyola, 1986, p. 176.

<sup>149</sup> BOFF, Lina. A Índole escatológica da Igreja peregrinante. In: *AT* 13 (2003), p. 25.

tem a tarefa de guiar, por meio da fé, à experiência do mistério de Deus, em total dependência da ação do Espírito Santo, que é o verdadeiro mistagogo da alma<sup>150</sup>.

### 2.2.5.

#### Alguns elementos comuns à experiência mística

O termo mais determinado e circunscrito, precisamente o termo místico se refere às realidades não somente escondidas e misteriosas, mas pertence a um âmbito particular do mundo sobrenatural: o mistério do segredo da graça no ser humano. Vem chamada mística toda comunicação sobrenatural com Deus: a fé que adere à sua palavra, a esperança e o amor que se encaminham a ele, a graça que nos faz participantes da sua vida. Mas este significado pode ulteriormente restringir-se, de modo que é possível individuar ao interno, como círculos concêntricos, com vários elementos conceituais comuns à experiência mística<sup>151</sup>.

Elementos comuns à experiência mística constituem as formas da vida mística e as suas razões que se abrem à grande estrada da vida espiritual propriamente dita onde tem início a tendência intencional à perfeição, a preocupação de cultivar interiormente, a oração, a mortificação. Tudo isto traduz elementos comuns ao termo místico. O sentido mais estreito e propriamente técnico do termo é pensado por uma grande parte de autores, enquanto reserva a qualidade de mística a um estado superior e, designa elementos que vêm descrito com termos de ascetismo, de vida espiritual, ou também de vida contemplativa ordinária<sup>152</sup>.

Em relação à religião e à teologia cristã, a mística teve, tem e terá função permanente: enfatizar vigorosamente que é ela que preserva o caráter *numinoso, tremendum et fascinatum*, de Deus, a que salvaguarda a santidade de Deus, o que qualifica o divino como verdadeiramente divino, isto é, como ‘abismo’ e fundamento do ser, inacessível ao esquema cognoscitivo e à relação

<sup>150</sup> Cf. ANCILLI, E., *La mística. Op. Cit.*, p. 38

<sup>151</sup> Especificamente sobre a experiência religioso-mística: BORRIELLO, L., *Experiência mística. Op. Cit.* p. 399-404.

<sup>152</sup> Cf. MIETH, D. *Mística. Op. Cit.* p. 564. MACCISE, C. *Mística na Revelação bíblica. In.: DM*, p. 735-737; MOIOLI, G. *Mística cristã. In.: DE*, p. 770-772; SECONDIN, B. *Espiritualidade em diálogo. Novos cenários da experiência espiritual. São Paulo: Paulinas, 2002*, p. 27-47.

peçoal objetivante. É inerente à experiência mística esse papel insubstituível. Em contrapartida seu evidente perigo consiste, em eliminar as mediações do Absoluto ou considerá-las preliminares e provisórias em seu caminho para o infinito, tornar irrelevante a revelação para a situação humana concreta, negar o valor irrepitível da existência humana no espaço e no tempo e abolir o valor da história para a salvação ou realização do ser humano<sup>153</sup>.

Todo fato místico é uma experiência, um acontecimento, uma *Erlebnis*<sup>154</sup> cuja trama viva e ativa está em contínuo desenvolvimento. A experiência mística tem como princípio uma incessante evolução que praticamente nunca acaba. Teoricamente, ela se realiza nas assim chamadas ‘núpcias espirituais’<sup>155</sup>.

Para compreender os elementos comuns da experiência mística é necessário, em primeiro lugar, partir da constatação segundo a qual essa experiência pode ser encontrada também em áreas culturais distantes entre si e de crenças religiosas diferentes<sup>156</sup>. Pode-se perguntar qual é o elemento mínimo que as une; pode-se encontrá-lo na consciência de união profunda do ser humano com a raiz última do próprio eu ou com o Absoluto, que a transcende; a modalidade dessa união é que diferencia a experiência mística de outros tipos de conhecimento, porque se trata de coincidência, de arrebatamento, portanto, de adesão a alguma realidade de ‘último’ – identificável, cada vez, de acordo com as diversas perspectivas religiosas – adesão não realizável em outras condições, como no caso da atitude especulativa, porque, ainda que se chegue a apreender uma realidade absoluta, isso se dará por processo que pode ser identificado com o da mística<sup>157</sup>.

<sup>153</sup> Cf. GUERRA, S., *Mística. Op. Cit.*, p. 577. Também: RUBIO, G. A., *Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001, o capítulo 10 que trata da realização temporal-histórica do ser humano, p. 388-437; Id., *Evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2006, toda a obra, especificamente p. 21-33;

<sup>154</sup> O termo significa: vivência, no sentido de experiência. Erlebnis envolve emoção (agradável ou desagradável). Cf. SCHÜLER, A. E., In: *DET.*, p. 182.

<sup>155</sup> Cf. BOUYER, L. *Mysterion. Dal mistero alla mistica. Op. cit.* p. 339-340; ZAVALLONI, R. *A personalidade de Francisco de Assis. Op. Cit.*, p. 147.

<sup>156</sup> Para as diversas místicas, não cristãs, o estudo denominológico das diversas místicas: Cf. BOUYER, L. *Mysterion dal mistero alla mistica. Op. cit.* p. 304-322; RODRIGUEZ, F.J.S. (org). *Mística y sociedad en diálogo*. Madri: Eitorial Trotta, 2006, p. 41-76; VELASCO, J.M. *El fenómeno místico. Estudio comparado. Op. cit.*; especificamente para a mística nas grandes religiões orientais, p. 131-182 e para a mística nas grandes religiões proféticas, p. 183-252.

<sup>157</sup> Cf. BELLO, A. Ales. *Filosofia*. In: *DM*, p. 429-430; MIETH, D. *Mística*. In: *DCFT*, p. 568-569.

O místico vive um estado particular de união com Deus. Apesar de tratar-se de um dom, de um elemento que ultrapassa os demais, de uma graça especial que não é como o são as outras, está à disposição do ser humano, àqueles que verdadeiramente se deixam penetrar nas vias do espírito. O humano pode viver voluntariamente, na presença da graça que lhe é sempre oferecida, através dos atos de fé, de caridade, de contrição, de humildade, a partir da realidade da vida comprometida com a realidade do Reino de Deus e seus sinais, suas exigências.

### 2.2.6.

#### A Teologia como linguagem mística

O uso do conceito de mística sob o prisma da história das religiões, é questão dos paradigmas com que se ‘aprende’ uma linguagem<sup>158</sup>. No contexto cristão, estes paradigmas com certeza se estreitam. A mística, como conceito teológico-cristão, ganha contorno, se bem que não com o resultado de total clareza ainda. Mística, no sentido teológico-cristão, jamais é meramente formal. E, vice-versa, do conteúdo central pode seguir uma não-arbitrariedade de formas. Na história ocidental da experiência de fé, a mística está de início, marcada pela teologia mística de Pseudo-Dionísio Areopagita<sup>159</sup>. Dionísio é o

---

<sup>158</sup> A linguagem é um instrumento indispensável na comunicação da experiência de fé e de sua compreensão racional. Sempre ficará aquém do Mistério que aborda. Diante de Deus o teólogo se cala, dobra os joelhos em adoração silenciosa. Já o experimentara São Paulo: “Nosso conhecimento é limitado... Agora, vemos em espelho e de modo confuso... No presente só conheço em parte...” (1Cor 13, 9.12). cf. MATOS, H. C. J., *Estudar teologia Iniciação ao método*. Petrópolis: Vozes, 2005, p.38; Com presteza e beleza sublinha Leonardo Boff: “A Doutrina acerca de Cristo começa no silêncio. “Cala-se, recolha-se, pois é o Absoluto” (Kierkegaard). Isso não tem nada a ver com o silêncio mistagógico que no seu emudecimento não passa de palavrório da alma consigo mesma. O silêncio da Igreja é o silêncio da Palavra. Ao anunciar a Palavra, a Igreja na verdade cai de joelhos, silenciosa, diante do Inefável e do Inexprimível. A Palavra falada é o Inefável. Esse Inefável é a Palavra. Contudo a Palavra tem que ser falada”. BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador. Op. Cit.*, p.11

<sup>159</sup> Autor místico desconhecido (século V) cujas obras foram atribuídas a Dionísio Areopagita convertido pelo discurso que Paulo fez no Areópago (At 17,34). O fato de que lhe atribuíam autoridade apostólica fez que a obra do Pseudo-Dionísio exercesse profunda influência sobre a mística medieval. Cf. SCHÜLER, A., *Pseudo-Dionísio Areopagita*. In: *DET*, p. 382. Afirma Bruno Secondin: “Ao pseudo-Dionísio, o Areopagita devemos a difusão da expressão *theologia mystica* no sentido de conhecimento velado e experimentado de Deus” SECONDIN, B. *Op. Cit.* p. 39. Para o Pseudo-Dionísio, o místico, “é ao mesmo tempo o *mysterion* bíblico-litúrgico e a inefável experiência de unidade com ele, o Deus que vive em luz inacessível e se deixa apreender por nós em Jesus Cristo e o conhecimento inspirado em quem se doa em experiência e em quem profunda simpatia leva a uma unidade e a uma fé místicas que não se podem alcançar sozinhos. A essência da mística dionisiana não é certamente neoplatônica, mas sim mistologia, quer dizer, sua reflexão sobre a mística se faz mediante o sistema categorial e

autor mais influente, neoplatônico cristão, cujas obras espirituais foram traduzidas para o latim no século IX e difundido por toda a Europa<sup>160</sup>.

Neste contexto religioso a teologia como linguagem mística<sup>161</sup> pertence aos mais variados gêneros literários. Pode-se tratar de relatos autobiográficos, de expressões poéticas, de comentários com finalidade exortativa, pedagógica, apologética e inclusive de prescrição psicológica, de explicação ou de interpretação teológica.

Já num primeiro momento, a descrição da linguagem do místico pode começar a estabelecer distinções de acordo com o extrato mais ou menos profundo, mas ou menos próximo à experiência em que se situa cada um dos gêneros. Porém, ao que parece claro que orações, exclamações, expressões poéticas e relatos autobiográficos constituem expressões de primeiro grau, explosivas, por assim dizer, em relação à experiência, sobre os que vem exercer as tematizações e reflexões dos diferentes comentários – sobretudo nos místicos menos sistemáticos – e podemos encontrar numa mesma página gêneros situados em níveis notadamente diversos<sup>162</sup>.

Um primeiro aspecto próprio da teologia à linguagem mística constitui em sua condição de ser a linguagem de uma experiência. O místico não fala como o teólogo simplesmente de Deus. Fala do Deus que se aproximou. Fala de Deus que se deu como presente, graças a uma experiência. Daí sua concretude, frente à abstração própria de outros registros da linguagem religiosa como é próprio da teologia sistemática. Daí também percebemos a impregnação psicológica e afetiva da maior parte dos textos místicos, inclusive nos autores mais especulativos, como o Mestre Eckhart<sup>163</sup>. “A linguagem mística – escreveu neste sentido J. Maritain – é necessariamente diversa da

---

do método expressivo neoplatônico. Isto vai condicionar toda a mística ocidental que teve no Pseudo-Dionísio, como suposto exemplo de São Paulo, seu mais influente inspirador e guia”. GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 579. Para a teologia mística dionisíaca, a influência bíblica e a influência filosófica: BOUYER, L. *Op. Cit.* p. 209-218, com rica bibliografia.

<sup>160</sup> Para uma síntese sobre a teologia mística de Dionísio Areopagita: MARIANI, C.B., *Mística e Teologia: desafios contemporâneos e contribuições*. In: *AT 33* (2009), p. 362-366..

<sup>161</sup> Estudo aprimorado, que fazemos uso aqui, para a linguagem mística, aspectos que caracterizam a linguagem do místico, como linguagem ‘verbal’, nas suas várias expressões: VELASCO, J.M. *Op. Cit.* p. 49-64.

<sup>162</sup> Cf. VELASCO, J.M.. *Op. cit.* p. 49-50.

<sup>163</sup> Para a doutrina mística do Mestre Eckhart: BERNARD, C.A. *Op. cit.* p. 118-121.

filosófica... já que aqui se trata de tornar sensível a mesma experiência e, que experiência, a mais inefável de todas”<sup>164</sup>.

A linguagem dos ‘espirituais’, dirá por sua vez o padre Y. Congar referindo-se com este termo aos que chamamos de místicos, expressam, em primeiro lugar, uma experiência, e uma experiência de uma realidade transcendente<sup>165</sup>.

A linguagem do místico se caracteriza quanto aos objetos a que se refere, afetados de coeficientes de interioridade, servem para descrever como esses objetos passam a ser pouco a pouco a sujeitos:

O saber que vem do Evangelho não é superado na experiência mística, porém interiorizado por ela. O sentido da mística cristã não é substituir o saber do dado da Revelação por um novo saber, não é superar o conhecimento dado em Jesus Cristo. Se há progresso, este se situa, todo ele, ao lado da transformação do que conhece sob o influxo de uma iluminação que somente Deus pode dar<sup>166</sup>.

De acordo com o centro de todos os fenômenos ordinários e extraordinários é a visão extática: o ser humano é arrebatado acima de si e ‘percebe’ (*experiri*) que com ele está presente mais do que ele próprio. Esta visão tem um centro: o Cristo encarnado<sup>167</sup>. Ora não podemos elevar-nos cima de nós, senão por uma força superior que nos levante. Por mais que se disponham os degraus interiores, se o auxílio divino não nos acompanhar, como revela São Boaventura<sup>168</sup>, nada se consegue:

Este auxílio divino acompanha os que de coração o pedem, humilde e piedosamente. É isto suspirar por Ele ‘neste vale de lágrimas’, e faz-se pela oração fervorosa. A oração é, pois a mãe e a origem do impulso para o alto. Por isso Dionísio (Areopagita), no livro *A Teologia mística*, querendo levar-nos aos êxtases mentais, põe logo ao princípio uma oração. Oremos pois, e digamos a Deus Nosso Senhor: “conduz-me, Senhor, pelo Teu caminho, e entrarei na Tua verdade; alegre-se o meu coração para temer o Teu nome”<sup>169</sup>.

<sup>164</sup> MARITAIN, J. *Distinguer pour unir ou Les degrés du savoir*. Paris: DDB, 1932, p. 382, apud. VELASCO, J.M. *Op. cit.* p. 51.

<sup>165</sup> CONGAR, Y. “Langage des spirituels et langage des théologiens”. Paris: Cerf, 1967, p. 139, apud. VELASCO, J. M. *Op. cit.* p. 51.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>167</sup> Cf. MIETH, D. *Op. Cit.* p. 564-565. Consideramos que “Com a encarnação do Verbo, Deus se torna palpável, visível, vulnerável na história e na criação, tecidas e desordenadas pela liberdade e pelo pecado do ser humano. A encarnação é o cume absoluto de toda revelação e a manifestação plena de Deus como mistério”. KAUFMANN, C., *Mística*. In: *DCFC*, p. 490.

<sup>168</sup> “São Boaventura levou a cabo uma síntese magistral especulativa de tendência dionisiana e a mística afetivo-especulativa da tradição cisterciense, tendo como paradigma a vida mística de São Francisco de Assis.” VAZ, H.C.L. *Op. Cit.*, p. 38-39.

<sup>169</sup> BOAVENTURA, São. *Op. Cit.* I, 1, p. 59. A ordenação de toda a teologia à contemplação é exposta por São Boaventura nos seus opúsculos *Breviloquium, Itinerarium mentis in Deum, De*

A mística cristã é no que concerne ao conteúdo, experiência de Cristo, não importando seja descrito no paradigma da visão contemplativa ou da experiência de Deus no coração. No cristianismo vale a prioridade do conteúdo sobre a forma. À medida que o interesse hodierno místico orienta-se mais pelo estilo, pela forma, pela figura da experiência religiosa profunda, ele ainda não é *per se* cristão. Além disso, para o conceito teológico-cristão de mística existe ainda outro critério: a mística cristã não é esotérica, implica uma mudança de vida prática: sem conversão radical não há nenhuma mística cristã. Os dois critérios – a prioridade do conteúdo e o sinal de reconhecimento da prática evangélica – criam também a tipologia da mística que existe no seio da história do cristianismo<sup>170</sup>.

A linguagem mística significa sempre e simultaneamente ‘mediaticidade’, à medida, porém, que a mística emprega esta linguagem ela desenvolve uma ‘contralinguagem’, exorciza imagens com imagens, volta a superar a linguagem de sua experiência, à medida que articula como processo aberto. Caracteriza, pois, a linguagem mística o fato de ela remeter para acima de si, fato que denota a dessemelhança sempre maior em todo falar analógico sobre Deus<sup>171</sup>.

A linguagem mística teológica consiste em ser fundamentalmente descritiva que trata de caracterizar, por predicados apropriados, através de formas simbólicas diversas, uma realidade vivida que tem sua forma própria de objetividade. O que descreve a linguagem do místico é a experiência religiosa, ou seja, a fé vivida dessa forma peculiar que chamamos mística, e que podemos resumir como experiência intensa de união com Deus<sup>172</sup>. É essencialmente subjetiva e interior e que se refere, portanto, a um conteúdo que

---

*reductione artium ad Theologiam*. Ver texto latino e tradução em L. de Boni et al., Obras escolhidas, Porto Alegre: Sulina, 1983, p. 3-218. A introdução de L. de Boni é uma excelente síntese do pensamento deste discípulo de São Francisco, São Boaventura e da sua vertente mística.

<sup>170</sup> Deve ser considerada mística cristã toda experiência cristã em que a fé vivida nos entrega efetivamente à ação transfigurante do mistério de Cristo em nós. Escreve, corroborando esta experiência iniciada no ser humano, K. Rahner: “A iniciação ao cristianismo é, no fundo, iniciação à mística”, *Apud*: GUERRA, S. *Op. Cit.*, p. 580.

<sup>171</sup> Cf. KAUFNANN C. *Op. Cit.* p. 566-567.

<sup>172</sup> Para a união com Deus na experiência mística: LAFONT, G. União com Deus. In: *DM*, p. 1037-1038.

não se deixa expressar por meio de termos cujo sentido seria fixado por referência à percepção exterior<sup>173</sup>.

O fenômeno, visível da linguagem, da imediaticidade da experiência, que a mística significa num sentido abrangente, encontra na perspectiva cristã da teologia da revelação sua inversão, à medida que nela se fala de um Deus que se doa a si mesmo, que tem para com o ser humano maior proximidade do que este pode experimentar consigo mesmo. O mistério de uma mística teológica sob a perspectiva da revelação é vivido sob uma linguagem de acolhida, na qual o místico já se acha envolvido na graça. A tradição da teologia mística cristã da encarnação, a tradição de uma teologia da cruz que sempre abrange a ressurreição, evidencia que o altar da mística teológica não se ergue para um Deus desconhecido, mas sim o Deus que se manifesta no processo da Trindade, da encarnação, do evento redentor, ou seja, o Deus que se revela é o Deus da maior proximidade para com o ser humano.

A mística teológica não se deixa domesticar, seja dualisticamente, seja politicamente. Ela nasce da especificidade do próprio caráter teológico da revelação. Por isso ela pode, no seu sentido cristão, ser também comum e do dia-a-dia. Contrapõe-se a capacidade de esforço religioso, à elitização da experiência religiosa.

### 2.3.

#### **Fenomenologia da experiência mística cristã**

A experiência mística cristã é conhecer o interior de Cristo, embora também se entenda por esta expressão o conhecer interior, com toda a sua bagagem consciencial, relativo a Deus.

A experiência mística é realidade que volta hoje, depois de longo caminho de aridez espiritual, de abstração e puramente conceitual. É área importante a que agora se está recuperando. A mística não pode esquecer-se disso, como não pode esquecer-lo a religiosidade em geral. A vida do místico é especialmente diversa da vida do cristão comum, mas a experiência mística não é privilégio daqueles e daquelas que, vocacionalmente ou em atitude de busca, se retiram a um convento ou sobem para o alto de um monte, porque se sentem

---

<sup>173</sup> Cf. VELASCO. *Op. cit.* p. 52.

enojados diante de uma civilização que se nos escapa, deslizando entre os dedos. E isto não pode ser cristão<sup>174</sup>.

A experiência mística transparece à vida da pessoa como algo de especificamente novo, como experiência do mistério. A vida cristã e a vida mística não se diferenciam pela realidade experimentada, mas sim pelo modo de experimentá-la. As realidades sobrenaturais são iguais para todos, porém nem todos as assimilam e as percebem do mesmo modo. A vida divina, a Trindade, o Cristo, os Sacramentos, a Escritura, são as fontes dessa experiência, as fontes da vida espiritual, seja cristã, seja mística. A diferença está no modo diverso de viver esta realidade<sup>175</sup>.

Jacques Leclercq, analisando a vida espiritual de místicos medievais, assim define o que ele chama de fenômeno místico:

A vida mística é a vida da graça; implica tal fenômeno, porém a consciência das manifestações da graça. Não é místico aquele no qual a graça atua, mas sim aquele que tem consciência que a graça atua nele<sup>176</sup>.

A mística cristã não é outra coisa que a vida da graça que se torna experiência indubitável partindo da fé e na fé. Sem o recurso à experiência não podemos compreender uma vida mística. Entendemos que os místicos sejam caracterizados pelas suas experiências. Não se trata de uma experiência segundo a concepção moderna, que comporta algo que se pode repetir mais ou menos à vontade, e, sobretudo aquilo que se pode ser observado a despeito e fora da pessoa. É a experiência mística concebida como a experiência religiosa por excelência, que não pode cair sob o nosso domínio nem obter-se sem que sejamos completamente empenhados<sup>177</sup>.

A mística, em sentido prático, é uma fase definitiva da vida espiritual que comporta um conhecimento e uma percepção de Deus de notável profundidade, frequentemente acompanhada por uma fenomenologia extraordinária. A mística propõe-se como lugar científico que estuda essa fenomenologia e mística (teologia da mística, psicologia da mística). Essencialmente a mística é a experiência de Deus, a qual, pelos muitos graus

<sup>174</sup> Cf. GUERRA, A. Experiência Cristã. In: *DE* p. 392-393.

<sup>175</sup> Cf. ANCILLI, E. *Op. Cit.* p. 26

<sup>176</sup> LECLERQ, J. *Un maître de la vie spirituelle au XI siècle*. Paris: Jean de Fécamp, 1946, p. 103.

<sup>177</sup> Cf. ANCILLI, E. *Op. Cit.* p. 26-27. BORRIELLO, L. *Op. Cit.* p. 399.

por meio dos quais podemos alcançar Deus, chega também à contemplação, como cumprimento da graça e das virtudes infusas, de acordo com a predominância do esforço da pessoa ou da intervenção direta de Deus<sup>178</sup>.

### 2.3.1.

#### **Experiência de Deus: experiência do mistério**

Os místicos experimentam o mistério da presença de Deus. A experiência desse mistério não se dá apenas no êxtase, mas também, cotidianamente, na experiência de respeito diante da realidade e da vida<sup>179</sup>. A experiência do mistério é uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos; quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do Universo. Todos e todas, pois, somos chamados à vida mística num certo nível<sup>180</sup>.

A mística só tem sentido e é verdadeira quando significa: experiência do mistério<sup>181</sup>, experiência de Deus que gera a fé. A fé é essa resposta à experiência de Deus vivida e assumida na vida, feita pessoal e comunitariamente. Fé como expressão de um encontro místico com Deus que envolve a totalidade da existência, o sentimento, o coração, a inteligência, à vontade. O místico é uma pessoa de fé, aquele que testemunha experimentar Deus e em nome dele inaugura uma nova fala e introduz novos comportamentos. A experiência de Deus revela pessoas profundamente religiosas que possuem um saber místico, quer dizer, experimental, urdido de encontros com a divindade: “É a partir destes encontros que elas revitalizam as

<sup>178</sup> Cf. BOVE, G., *Mística*. In: *DTE*, p. 500.

<sup>179</sup> Importante síntese sobre isso faz Maria Clara L. BINGEMER: “Karl Rahner, considerado – com justiça – dos maiores teólogos do século XX, afirmava que o cristão do futuro (acrescentaríamos, do presente) ou será um místico, ou seja, alguém que experimentou algo ou não será nada, muito menos cristão. Falar de Deus na perspectiva da fé cristã sempre foi, mas talvez hoje o seja mais do que nunca, falar de uma experiência ou, mais ainda, talvez a partir de uma experiência. Uma experiência que, no fundo, porque é divina, é profundamente humana, desde o momento em que, na plenitude dos tempos, a fé cristã proclama que o próprio Deus se fez carne, se fez humanidade, Verbo Encarnado, em Jesus Cristo”. *Alteridade e Vulnerabilidade*. *Op. Cit.* p. 60-61.

<sup>180</sup> Cf. BETTO, F.; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 39.

<sup>181</sup> “Se, portanto, a experiência de Deus se dá – porque só pode dar-se – no nível do desejo, mister se faz dizer também que ela se dá enquanto mistério. Mistério revelado, certamente, mistério amoroso que se aproxima e se acerca salvadoramente. Mas nem por isso menos mistério”. BINGEMER, M. C. L. *Op. Cit.* p. 63.

instituições religiosas, conservam o entusiasmo e haurem energias para lutar e esperar dias mais justos”<sup>182</sup>.

O caminho real da mística não é o do raciocínio, mas o da fé. Através da oração que a graça concede, o místico alcança o ‘conhecimento experimental de Deus’. Deus é sentido, ‘tocado’ como que por um sentido especial. A oração de recolhimento é acompanhada da certeza da presença de Deus<sup>183</sup>. Consideramos as bases afetivas que podem sustentar a experiência mística mais elementar, a que projeta um valor para fora de si. Compreende-se que o essencial, do ponto de vista humano, não será simplesmente viver para encontrar novamente este momento único, mas continuar no estado de subordinação, o estado ‘sem defesa’, que nos liga aos outros, à beleza, ao universo, a Deus mesmo. Em *De divinis nominibus* o Pseudo-Dionísio Areopagita retrata o universo como um magnífico evento da beleza irradiada do Criador<sup>184</sup>. Nas palavras de Lima Vaz, “a experiência cristã de Deus não apenas se manifesta através de uma realidade e da sua expressão, mas identifica-se com ela, particulariza-se absolutamente nela”<sup>185</sup>.

Na experiência de Deus é possível encontrar a linguagem, que vem a ser, afinal, Ele a sua estrutura lógica. A experiência de Deus é a experiência da presença misteriosa, sentido radical numa existência historicamente dada, a existência de Jesus e, na palavra da Revelação que é totalmente condicionada por essa existência histórica na medida em que dela procede e a ela se refere.

### 2.3.2.

#### Lugares da experiência mística de Deus

São ambientes, espaços, elementos que transmitem valores, experiências transcendentais e significados que alimentam a vida mística, que enriquecem a alma de lembranças infáveis, devolvem novas esperanças e forças para viver os sofrimentos, as dificuldades e alegrias da vida cotidiana. Tais lugares de memória das graças e intervenções divinas, recebidas

<sup>182</sup> BETTO, F.; BOFF, L. *Op. Cit.* p. 41.

<sup>183</sup> Cf. ZAVALLONI, Roberto. *Op. Cit.*, p. 148.

<sup>184</sup> Cf. CANETTI, P. *Beleza do Cântico das Criaturas*. Disponível em [http://64.233.163.132/translate\\_c?hl=pt-BR&sl=http://knol.google.com/k/paolo-c...](http://64.233.163.132/translate_c?hl=pt-BR&sl=http://knol.google.com/k/paolo-c...) Acesso em 24.08.2009.

<sup>185</sup> VAZ, H.C.L., A linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 254.

individual ou comunitariamente. As várias experiências de oração, a liturgia, os sacramentos, são lugares privilegiados para a experiência mística do mistério de Deus, em suas várias formas em que, na história, foi sendo plasmado, como indica a teóloga Lúcia Pedrosa de Pádua<sup>186</sup>.

Espaço privilegiado, a liturgia, a oração pessoal, fraterna, mas nunca exclusivo<sup>187</sup>. As narrativas das experiências de Deus mostram que não há um lugar único. Pode ser a realidade do trabalho, da casa, da família, da festa, no meio da vida<sup>188</sup>. As religiões têm espaços próprios de narrativa de suas crenças<sup>189</sup>. “Francisco de Assis empreendeu sua jornada na sociedade e na natureza”<sup>190</sup>.

O que Francisco pensou, disse e mais que tudo viveu, se insere de modo perfeito em seu tempo. Para ele, em sua época de transição profunda e nela tendo agido como propulsor vigoroso de uma mística de retorno ao Evangelho, tudo se passa no quadro da cosmovisão, experiência de Deus inserida na realidade cotidiana dos seres humanos com quem ele manteve um dinâmico diálogo fraterno, por fim, à natureza de todas as criaturas<sup>191</sup>.

A autora apresenta a tese de Rovira Beloso dos “espaços de transcendência”, que geram um sair de si, um descentramento, e que, embora encontrados na tradição judeu-cristã, independem da religião. São eles: o

<sup>186</sup> Seguiremos, para este tema dos lugares da experiência de Deus, a pesquisa da professora Lúcia, indicando o seu artigo para as ulteriores verificações e vasta pesquisa bibliográfica que ao longo do artigo são apuradas com esmero. PÁDUA, L.P., *Op. Cit.* p. 369-370.

<sup>187</sup> A teologia dogmática não abrange todo o arco da expressão de fé. Ela tem necessidade do suplemento da experiência cristã que se realiza no culto. Este aspecto existencial caracteriza a liturgia, considerada como lugar teológico, fonte que se vive e mediante a qual, entre outras, se alcança a fé. Cf. TAMBURRINO, P., *Ecumenismo*. In: *DL*, p. 321.

<sup>188</sup> “O próprio iscurso elaborado pela ciência e comunicado aos outros é uma intervenção do divino na história, não diretamente, não magicamente, mas por meio do lento e contínuo desvelar-se do Deus que nunca ninguém viu mas que mostra Seu rosto e se deixa encontrar em todas as coisas”. BINGEMER, M.C.L. *A identidade Crística*. Sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos. São Paulo: Loyola, 1998, p. 117-118.

<sup>189</sup> As igrejas, os templos, lugares visíveis com seus tabernáculos, os lugares e os símbolos sagrados, lugares de itinerário espiritual, abertos à *receptio* de graças particulares, lugares de experiências místicas individuais. Vejamos: “levado pela contemplação natural à elevação interior para a beleza de Deus, o ser humano descobre as leis divinas nas florestas, nos bosques, nos elementos cosmológicos (Francisco), nos montes (João da Cruz), na amplidão do mar (Agostinho), no ocaso (reflexo do Eterno). Um canto da casa também pode tornar-se lugar de transcendência, com um ícone iluminado por uma pequena luz. Podem ser considerados lugares interiores (consciência, espírito) a alma (o fundo da alma da mística alemã, o castelo interior de Teresa de Ávila, a cela interior de Catarina de Sena), a comunidade como ‘edifício espiritual’ (1 Pd 2,5), como ‘templo de Deus’ (1Cor 3,17), a mesma Igreja como corpo de Cristo, lugar de um culto em espírito e verdade” CROCE, G.D. *Lugares Místicos*. In: *DM*, p. 652-653

<sup>190</sup> Cf., PÁDUA, L.P. *Op. Cit.*, p. 369.

<sup>191</sup> Cf. KOSER, C. *Vida com Deus no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 90-91.

espaço ético, o espaço da experiência estética, o espaço das relações interpessoais ou comunitárias e, por fim, o espaço interior<sup>192</sup>.

A reflexão teológica latino-americana enfatiza a pessoa do pobre e a situação dos excluídos como o espaço de transcendência por excelência, lugar de encontro com Deus, na prática da libertação. Deus manifesta-se na ação da libertação. Não em vão confessamos que no excluído pela sociedade está misteriosamente presente o Senhor Jesus (cf. Mt 25,31ss). Unidos ao valor da pessoa e seu lugar concreto, o ser humano empobrecido, encontramos o valor cristológico oculto no excluído, nos rostos sofridos de Cristo na América Latina de que nos fala o documento de Puebla (cf. DP, 32-39)<sup>193</sup>.

Experiência mística de Deus que designa o conjunto das perspectivas e das atividades humanas voltadas para tudo que o ser humano busca como verdade, bem, beleza, justiça: realidades ou valores que estão no horizonte da vida humana, sustentam-na e se manifestam no dia a dia<sup>194</sup>.

Cremos poder afirmar que uma linguagem profética e uma linguagem mística sobre Deus há de surgir nesta terra de exploração, mas com utopia e esperança. A linguagem mística é a da contemplação que reconhece que tudo vem do amor gratuito de Deus. Mas sem a profecia a linguagem da mística corre o perigo de perder o mordente sobre a história na qual Deus opera e onde O encontramos. Sem a dimensão mística, pode a linguagem profética estreitar demais o olhar e debilitar a percepção d'Aquele que tudo faz novo. “Cantai o Senhor! Louvai o Senhor! Ele salva a vida dos pobres das mãos dos malfeitores” (Jr 20,13). Cantar e libertar, ação de graças e exigência de justiça. Eis o desafio de uma vida mística cristã que, superando possíveis fugas espiritualistas e eventuais reducionismos políticos, quer ser fiel ao Deus de

<sup>192</sup> *Apud.* PÁDUA, L.P. *Op. Cit.* p. 369-370.

<sup>193</sup> Durante vários séculos, a ‘vida contemplativa’, em relação a trabalhos liberais, foi considerada na Idade Média superior à ‘vida ativa’, em conexão com trabalhos servis. O desenvolvimento posterior desse binômio a partir da Reforma – sem esquecer o *ora et labora* beneditino – fez com que a mística cristã prestigiasse a área degradada do mundano (família diante do celibato, trabalho operário diante da tarefa intelectual e responsabilidade social diante da ritualidade sacramental), até chegar a uma nova síntese inaciana: a ação, que é lugar de união com Deus e de santificação, não se opõe à contemplação. Daí o novo axioma latino-americano: “contemplação na libertação” ou na ação pela justiça. Desta forma se supera a dicotomia entre ação e oração. Cf. FLORISTAN, C. Espiritualidade. In. *NDT*, p.188.

<sup>194</sup> Cf. CATÃO, F. *Op. Cit.*, p. 15.

Jesus Cristo<sup>195</sup>. Nesta perspectiva, a nos propor a reflexão, nos ensina Giovanni Moioli:

O essencial é a caridade, única medida pela qual se avalia a perfeição. Daí a importância para o cristão e para o próprio místico de 'buscar' não tanto a experiência mística, porém muito mais a caridade (cf. 1Cor 13), em sua estrutura própria, que é a de ser obediência-comunhão com o Deus de Jesus Cristo e que se expressa como gratuidade do dom de si pelos e pelo mundo. Isso constitui o imperativo ético fundamental do cristão<sup>196</sup>.

Igualmente ressalta a experiência de Deus como experiência fraterna, na comunidade de um povo, mais do que a experiência individual, a experiência da caridade que antecede, necessariamente à experiência mística. A mística é patrimônio dos seres humanos, é uma realidade comunitária, e é motivação, impulso, utopia, causa pela qual viver e lutar. Seguir a Jesus será a definição de sua especificidade<sup>197</sup>. Surgem, como novos paradigmas, novos espaços, como o corpo, a terra, o cosmos e a interação planetária. Reforça-se com a afirmação da subjetividade<sup>198</sup>, a questão do espaço interior como espaço de transcendência<sup>199</sup>. E sabemos muito bem que na visão bíblico-cristã do ser humano é a subjetividade aberta que deve ser desenvolvida, enquanto subjetividade vivida, de maneira tão coerente e profunda, por Jesus de Nazaré<sup>200</sup>.

Os lugares referenciais da experiência são aqueles que não podem faltar a uma pessoa mística: a própria consciência, a pessoa de Jesus, a comunidade dos irmãos e irmãs, em suas diversas concretizações, e não apenas em seu aspecto puramente hierárquico<sup>201</sup>.

Em síntese, como afirma Maria C. L. Bingemer,

Não existe transição natural e lógica entre a experiência cotidiana da vida e a experiência de Deus, apesar de aquela ser o lugar onde esta acontece. Pode-se falar de um conhecimento analógico, à raiz da percepção fundamental de que nada, nenhuma realidade, é apta para exprimir a transcendência<sup>202</sup>.

<sup>195</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. Falar sobre Deus. In: *Concilium* 191 (1984), p. 48-49.

<sup>196</sup> MOIOLI, G., *Mística Cristã*. In: *DE*, p. 771.

<sup>197</sup> Cf. CASALDÁLIGA, P.- VIGIL, J.M. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1993, 21-29;

<sup>198</sup> Para um estudo bastante aprofundado da abertura da subjetividade, chamada subjetividade aberta: RUBIO, A.G. *Elementos de Antropologia teológica*. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004, p. 147-157.

<sup>199</sup> Cf., PÁDUA, L.P. *Op. Cit.* p. 370.

<sup>200</sup> Cf. RUBIO, A.G.. *Cit.*, p. 152-153.

<sup>201</sup> Cf. GUERRA, A. *Experiência cristã*. In: *DE*, p. 393.

<sup>202</sup> BINGERMER, M.C.L. *Op. Cit.* p. 63-64.

A mística de Francisco, como veremos, é a mística do movimento subjetivo do ser aberto para todas as criaturas, alerta permanentemente que não há espaço nem tempo que possam fixar limites à presença de Deus. Ele está na história humana, em meio a suas tensões, êxitos e conflitos, mas encontrá-lo supõem abertura para fazer o mesmo itinerário desapropriado, gratuito e mendicante do povo de Deus.

## 2.4.

### A experiência mística no povo de Deus cristão

O ponto central da mística cristã é o seguimento de Cristo. Nisso consiste fundamentalmente a vida do povo de Deus

A mística é vida da Igreja e na Igreja, o povo cristão<sup>203</sup>. Ela é a depositária dos mistérios de Deus, em seus sacramentos, em seus membros todos, ela própria é o grande sacramento, o grande mistério de Deus presente no mundo. A mística cristã é mística cristã apartir da experiência de comunhão fraterna, se eclesial porque o mistério é correspondido, embora por alguns membros de maneira mais especialmente significativa, toda a Igreja do Povo de Deus é chamada à santidade, recorda o Magistério da Igreja mais recente<sup>204</sup>:

Enquanto consideramos a vida daqueles que seguiram fielmente a Cristo, somos incitados a buscar por novas motivações a Cidade futura e simultaneamente instruídos sobre o caminho seguríssimo pelo qual, entre as vicissitudes do mundo, segundo o estado e a condição de cada qual, podemos chegar à perfeita união com Cristo, ou seja, à santidade. Na vida daqueles que, participando de nossa humanidade, se transformaram mais perfeitamente na imagem de Cristo, Deus de maneira viva manifesta sua presença e sua face aos homens. Ele mesmo nos fala neles e nos dá um sinal de Seu Reino, para o qual, à vista de tão grande nuvem de testemunhas que nos envolvem e de tal comprovação da verdade do Evangelho, somos poderosamente atraídos<sup>205</sup>.

A Igreja vive em mistério de comunhão como Povo de Deus, a família mística de Deus. Peregrina na missão inspirada pelo Espírito Santo, o seu

<sup>203</sup> Este povo messiânico que “tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como num templo. Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou. Sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra, a ser estendido mais e mais até que no fim dos tempos seja consumado por Ele próprio”. LG 9.

<sup>204</sup> Cf. KAUFMANN, C. *Op. Cit.* p. 490.

<sup>205</sup> Lumen Gentium, 50. “Na Igreja, todos são chamados à santidade, tanto os que pertencem à hierarquia como os leigos e religiosos, santidade que se realiza mediante a imitação do Senhor por amor”. Medellín, 12,1.

templo vivo, morada de sua presença entre os filhos e filhas de Deus, Puebla confirma esta realidade carismática da filiação em Cristo que faz nascer a fraternidade cristã do povo de Deus:

O Povo de Deus, em que habita o Espírito, é também um Povo Santo. Mediante o batismo, o próprio Espírito o tornou participante da vida divina, o ungiu como povo messiânico e o revestiu da santidade da vida divina recebida. Esta santidade recorda ao Povo de Deus a dimensão vertical e constituinte da sua comunhão. É um povo que não apenas nasce de Deus, mas também se orienta para Ele, como povo consagrado, para render-lhe culto e glória<sup>206</sup>.

O povo cristão, a Igreja do Povo de Deus, recebe por missão anunciar e instaurar o Reino em todos os povos. Ela é sinal do Reino: “Ela constitui já na terra o germe e o princípio desse Reino” (LG 5). Na Comunidade do Povo de Deus já está presente e atuante, de modo eficaz neste mundo, a força mística que operará o Reino definitivo<sup>207</sup>. A proclamação essencial do Reino de Deus é a vida nova que se instaura em toda a criação. A mística do Espírito leva-nos a crer que toda a criação tem necessidade deste anúncio: ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16,15). Criatura, nesse contexto explicativo, não só diz respeito ao homem e à mulher, mas a todas as coisas plasmadas pelo Criador do céu e da terra, das coisas visíveis e invisíveis (cf. Cl 1,16)<sup>208</sup>.

A experiência mística cristã de Deus é a experiência de uma pessoa. A experiência da fé em Jesus Cristo. A presença de Deus em Jesus Cristo na comunidade de fé do povo de Deus. Se a experiência consiste em conhecer por dentro, a experiência cristã, através do seguimento de Jesus, é conhecer o Cristo, embora também se entenda por esta expressão o conhecer, como amar e seguir. Indispensável experiência de Jesus, os aspectos da palavra, vida e pessoa de Jesus, que a experiência mística do povo de Deus cristão torna presente<sup>209</sup>.

Por fim, é o Espírito quem guia a Igreja e o povo de Deus cristão em seu encontro com Jesus Cristo. É o Espírito quem move a comunidade de fé de

<sup>206</sup> Puebla, 250. O Povo de Deus é enviado para servir ao crescimento do Reino nos demais povos, anunciando o evangelho, como um povo profético denuncia onde opera o mistério da iniquidade. O povo de Deus a serviço da comunhão, sinal de comunhão, assume a vocação de servidor e seu modo próprio de servir é a evangelização libertadora. Cf. Puebla, 267. 270.

<sup>207</sup> Cf. *Idem*. 231.

<sup>208</sup> BOFF, Lina. *Op. Cit.* p. 27.

<sup>209</sup> Cf. VAZ, H.C.L. A experiência de Deus. In: VV. AA. *Op. Cit.* p. 87-88.

todos os tempos no sentido de tornar realidade visível as dimensões da experiência que Jesus fez em outra época. A experiência religiosa cristã se põe desde a origem, no plano do conhecimento por amor e, enquanto tal é experimentação, se bem que entre o já e o ainda não, do mistério de Deus revelado em Jesus Cristo (cf. Jo 1,18)<sup>210</sup>.

Voltaremos ao tema, aplicando à mística da fraternidade de irmãos e irmãs, da criação ao Criador em sinfonia uníssona e em louvor que antecipa a mística do Reino presente na vida do povo de Deus na perspectiva da mística de Francisco.

### **Conclusão parcial**

Neste primeiro capítulo apresentamos a introdução tema. Procuramos abordar a história do conceito, sua compreensão na experiência cristã.

Nas primeiras considerações com que iniciamos este capítulo mostramos que há um percurso histórico da conceituação da teologia mística.

Detivemos-nos basicamente nos elementos teológicos da mística enquanto experiência cristã. O locus fundamental é a mística de Jesus, portanto evangélica. Com a pregação do Reino a suscitar a adesão à causa de Jesus pela radicalidade do seguimento e a solidariedade.

Nossa abordagem tratou de apresentar dados, conceituando a experiência mística cristã. Procuramos fazer uma distinção, caracterizando as diferenças, acentuando as aproximações, a equação entre a mística com o mistério do Deus cristão, sempre em busca de identificar e precisar o conceito de mística. Acentuamos algumas precisões fundamentais a partir da natureza da dinâmica da mística.

Finalmente compreendemos que há um método místico empregado para o conhecimento místico à contemplação do sagrado, como experiência de um acontecimento determinante e profundo, sob a lógica da experiência da fé, que denota a mística como linguagem teológica.

A mística corresponde às exigências da verdade profunda do que é o ser humano: seu fundamento primeiro, portanto, é antropológico. Todo ser humano é chamado a uma vida mística. Sob esse aspecto, nosso estudo deve começar

---

<sup>210</sup> Cf. GUERRA, A. Experiência cristã. In: *DE*, p. 391.

por levar em conta a mística no seu sentido amplo, iluminando-a com as exigências da mística de Jesus, homem reconhecido como Verbo encarnado, que está na raiz da nossa história pessoal e das comunidades cristãs, as quais, nas mais diversas tradições culturais, se caracterizam pela busca da fidelidade à Verdade de Deus que vem a nós.

A mística como experiência de Deus e que produz um compromisso libertador participante da história do povo de Deus, apontando para o Reino definitivo, à força da experiência mística.

No próximo capítulo, o objetivo é introduzir e analisar a experiência mística religiosa de Francisco, mostrar sua originalidade, o conjunto das suas intuições e a riqueza da sua experiência mística em vários níveis, não como um pensar Deus, mas falar a Deus.

Francisco será apresentado a partir da sua relação litúrgica, devocional, experiencial dos mistérios de Cristo na sua vida de fé. A partir da sua realidade vital que antecede o nascimento do Cântico. Não apresentaremos elementos biográficos do autor estudado, acreditamos que não auxiliaria na compreensão do conjunto do texto da obra estudada, ao mesmo tempo remetemos às obras clássicas dos biógrafos de Francisco, desde as Fontes medievais às mais recentes obras críticas.

Francisco marca, com São Domingos (+ 1221), uma virada mística cristã: não se tende mais só para a contemplação do Cristo, mas também para o seu seguimento, como imitação radical. Francisco é o símbolo principal dessa virada: a salvação consiste na união com Deus, e não é mais apanágio de iniciados, mas possível a todos os homens e mulheres que vivem a mística evangélica radical, na opção pela vida pobre, na castidade vivida na fraternidade de irmãos e irmãs e na obediência ao Altíssimo, submissos uns aos outros como menores, por amor incondicional a Jesus Cristo feito homem. É o que passaremos a analisar a seguir.